

Teixeira de Pascoaes

Para a Luz



1904
LIVRARIA EDITORA
FIGUEIRINHAS JUNIOR
PORTO



425

PARA A LUZ

TEIXEIRA DE PASCOAES

PARA A LUZ



PORTO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL (a vapor)

Travessa de Cedofeita, 54

1904



Handwritten signature or initials in ink, appearing to read 'R. P. Pascoas'.

COMPRA

821.134.3.1

311000

~~2.~~
59382

ΣΠΥΡΟΣ Α. ΑΝΤΩΝΙΟΥ

υβ9660496

H. 951519

491

A' alma de meu irmão Antonio

Eu gosto de sentir minh'alma derramar-se,
Como a chuva do céu, sobre todo o Universo...
De ver suavemente o mundo humanisar-se
E senti-lo vibrar dentro de cada verso.
É bello ver n'um ramo a ancia d'um abraço
E um beijo scintillar nos labios d'um rochedo...
Ver grande sentimento illuminar o espaço,
Ver lagrimas cair dos olhos do arvoredó.
Que a sensação do sol ao produzir o dia,
Chegue ao meu coração, fazendo-o estremecer.
E as estrellas alcance a mystica harmonia
Que a dor, qual ermo vento, acorda no meu ser...

Sê um dilúvio, oh Alma, inunda este Planeta.
Que te penetrem as raízes com amor;
Que se transforme em seiva o sonho do poeta,
E crystalise o Ideal n'uma infinita flor
De Justiça e de Luz, d'Amor e Piedade
Que abrigue á sua sombra a imensa Creação,
As arvores, o mar, a vasta Humanidade,
O que é lagrima e treva, angustia e solidão!...

A MINHA MUSA

A minha Musa agora é sombria mulher
Que, faminta e descalça, eu vejo em qualquer parte.
Quero encontrar na noite a luz do alvorecer
E n'uns farrapos de mendiga uma obra d'arte.

Ha nos teus labios, Musa, o murmurio das fontes
E no teu corpo verde ha ramos dolordos.
Por sobranceilhas tens os vastos horizontes
E os nevoeiros são teus humidos vestidos. . .

Symbolica mulher, descubro no teu rosto
Os traços da Miséria... a tua mãe decerto...
Nos teus olhos crepita o incendio do sol-posto,
Ha n'elles a amplidão magoada do deserto!

Um vento de injustiça açoita o teu cabelo,
Enruga a tua fronte a colera de Deus!
Mas nos teus labios ouço a voz do sete-estrello,
A prece do luar e o cantico dos céos...

O pranto que floresce á luz do teu olhar,
Como os mundos do espaço á luz dos claros dias,
Na minha alma entrou, como um sinistro mar
Que saltá, espadanando, as broncas penedias!

Dentro em mim se mudou n'um ideal perfeito,
Tudo o que ao meu ouvido, oh Musa, tu segredas,
E o odio que incendeia o teu sensível peito,
Meu coração cobriu de estranhas labaredas!

Grande mendiga, vaes, oh terra solitaria,
Pedindo á luz do sol a esmola d'uma flor.
Sómente existe em ti, mulher extraordinaria,
O ventre aureoreal que concebeu a Dor!...

Vejo-te percorrer o abysmo do infinito,
N'um sonho enorme, n'um constante delirar
Que inunda de clarões teu perfil de granito,
Onde gelou de dor a lagrima do mar!

Depois que te encontrei n'aquelle dia baço,
Escuro como a sombra humana d'uma cruz,
Todo o meu corpo foge, em fumo, pelo espaço,
Toda a minh'alma eu vejo a desfazer-se em luz!...

Á VENTURA

Na hora em que se vê crescer a fria treva,
Como um sombrio mar sinistro das procellas,
Sobre um leito de luz que das ondas se eleva,
Aqui e alli, formando as ilhas das estrellas...

É que eu, sósinho ao pé d'esse infinito mar,
Sobre a rocha do mundo onde elle vem morrer,
E onde, ás vezes, se vê a espuma do luar,
N'um soluço que deixa as almas a tremer,

Sonho esta extraordinaria e tragica aventura
De partir atravez o mar da escuridão,
Para desembarcar na terra onde fulgura
A seiva que alimenta a arvore do Clarão!

No navio do Sonho, eu vou, qual marinheiro,
Sobre as ondas da noite. Oh longinquo pharol,
Verde luz a espreitar por entre o nevoeiro
De que é apenas um raio o sempiterno sol!...

Quando é que tu, oh meu olhar que tudo sondas,
Has de ver esse mundo ideal que me seduz...
Quando hei de atravessar as tuas negras ondas,
Oh mar da Noite, onde ha tempestades de luz!...

INVERNO

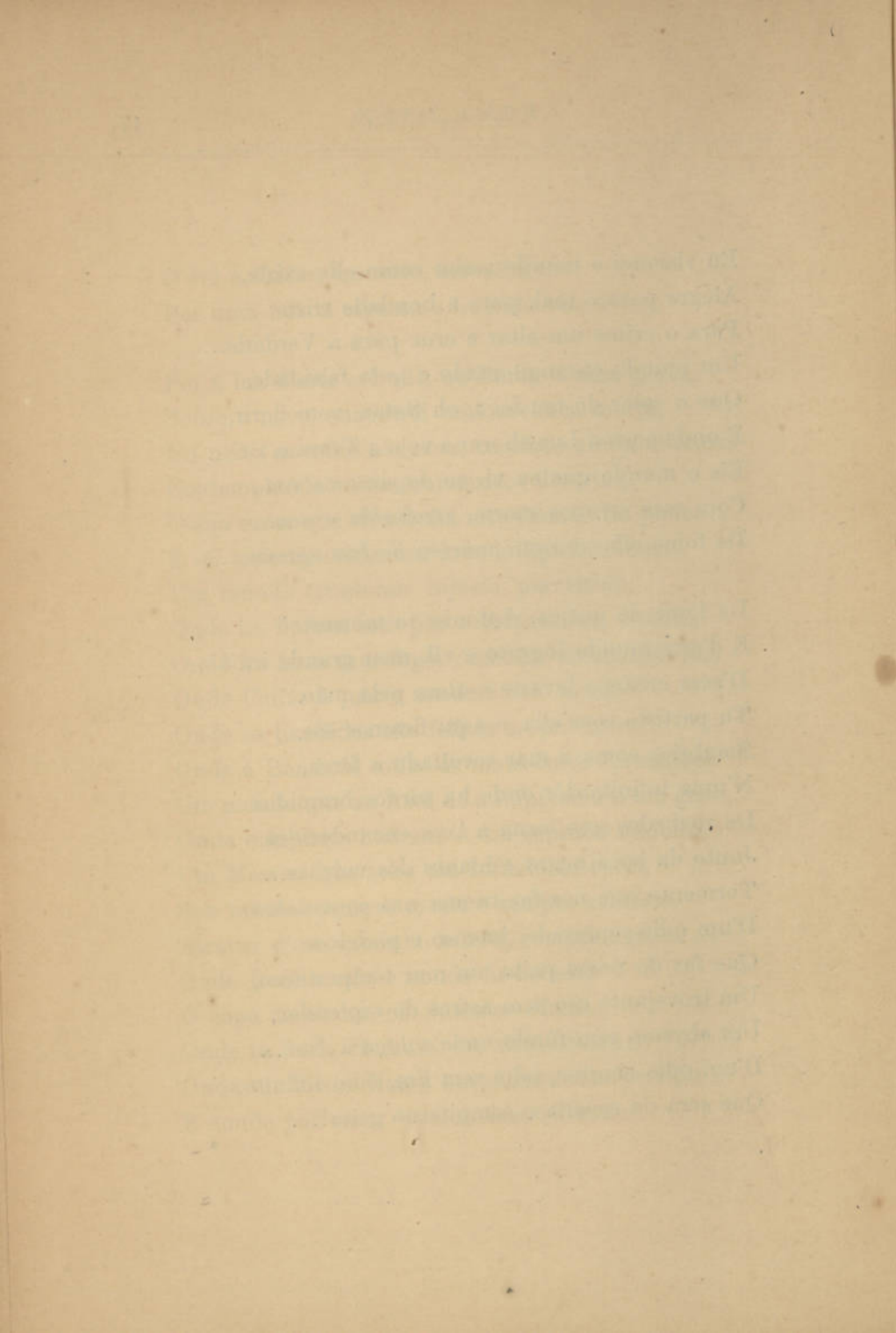
Um pallido fulgor a noite sobrealta...
Dos telhados se eleva, esguia, uma torre alta,
Como um cipreste ao pé de vagas sepulturas.
Na indecisão da luz, oh chuva, tu murmuras...
As ruas vão morrer, além, n'um negro abysmo,
Onde a luz dos lampeões, n'um triste paroxismo,
Agonisa, chorando a noite em que brilhou...
Principia a nevar. O vento serenou.
Um horroroso frio os membros entorpece...
E no algido levante, a medo, resplandece

O sol a tiritar, transido, arroxeadado,
Por uma nevoa espessa e humida velado...

Foi á luz d'este sol que, ao limiar d'uma porta,
Sobre a neve, encontrei uma creança morta,
No peito as mãos em cruz, os olhos ainda abertos,
Contemplando talvez chimericos desertos,
Como esses que ella tinha atravessado ha pouco...
E eu visionei então um mundo ignobil, louco,
Um mundo criminoso, injusto, pervertido,
Onde ha boccas sem pão e corpos sem vestido,
Onde ha lares sem fogo, onde ha almas sem luz,
Onde Caifás é juiz e aonde é reu Jesus;
Onde os bandidos são felizes e opulentos,
Onde a Bondade soffre os mais duros tormentos!
Um mundo que ao Azul dá a impressão d'um grito,
Onde o espirito humano é um réprobo maldito,
Um Messias que sobe um infindo calvario,
Sob um céu sempre mudo e sempre solitario,
Atravez d'um caminho esteril, sempre agreste...
Onde Budha caiu e aonde tu bebeste
O copo de cicuta, oh Socrates divino;
Onde tu foste, Horacio, um vate libertino,
Onde tu, Victor Hugo, encontraste um presidio
E aonde por amar foi desterrado Ovidio!

Eu visionei o mundo assim como elle existe,
Alegre para o mal, para a bondade triste;
Para o crime um altar e cruz para a Verdade...
Um mundo ensanguentado e todo falsidade,
Que o calor do teu fogo, oh Satan, vem florir,
E onde ouço a Luz chorar e vejo a Treva a rir!...
Eis o mundo que eu vi, ao depárar na rua
Com essa creança morta, arrefecida e nua.
De fome ella morreu; morreu de frio agreste...

De fome de justiça, Antonio, tu morreste!
E d'este mundo ingrato e vil, meu grande irmão,
D'essa creança levaste a alma pela mão.
Tu partiste com ella, e aqui ficamos sós,
Sombrios como o mar revoltado e feroz,
N'uma infinita dôr onde ha surdos bramidos
De rochedos que torna a lava encandecidos,
Junto da boca negra e hiante dos vulcões...
Tormento que nos faz tremer nas convulsões
D'um odio represado, imenso e poderoso
Que faz do nosso peito um mar tempestuoso,
Um trovejante céu sem astros de esplendor,
Um abysmo sem fundo onde soluça a Dor...
D'um odio enorme, odio sem fim, odio infinito,
Que será da revolta o sempiterno grito!...



NA RUA

Meia noite. A cidade é um phantasma sombrio
No mysterio da treva afflicto e angustioso...
Nos angulos sem luz, um vulto mudo e frio
Tem um perfil sinistro e um vago olhar brumoso...

A cidade é um phantasma imobil... Nos espaços,
Onde os astros de Deus as palpebras cerraram,
As suas torres ergue, altivas como braços
Que n'um gesto infernal de dor petreficaram.

Por sobre as cousas paira um mysterio profundo
Que as almas arripia e as sombras faz tremer.
Palpita desnortado o coração do mundo,
Sente-se um temporal de escuridão crescer!

Ha reflexos de luz nos vidros das janellas,
Que voam atravez da treva, a scintillar,
Inconfundiveis como a brancura das vélas
Sobre as ondas que anima o sangue do luar...

A noite é negro abysmo. E o poeta desvairado
Inclina-se sobre elle a olhar, branco de dor,
O mysterio onde existe em trevas sepultado,
O coração da luz a palpitar d'amor!

Pesa sobre a cidade uma inquieta paz,
Como a do mar que cerca as ilhas d'alva espuma.
E ás negras ruas, onde morre a luz do gaz,
Desce, como uma aza, a mysteriosa bruma...

Gotteja dos beirões o pranto do nevoeiro
Onde minh'alma sente a dor dos opprimidos...
Pranto que faz gelar o frio de janeiro
No livido perfil dos troncos resequidos.

Lá baixo, junto ao caes, embarcações dormentes
Lembram a emigração e os asperos degredos,
Terriveis temporaes, os igneos continentes,
Cavernas de leões, estranhos arvoredos!

É venenoso e amargo o ar que se respira...
É feito d'ais de desespero e de tormento.
Por isso, um peito humano em febre, que delira
Na dôr alheia encontra um mystico alimento.

E dolcrida brisa agita sombras d'arvores
Que por dentro são luz donzella e virginal.
No rosto de quem passa ha a brancura dos marmores,
Tão nitida que exhala um frio glacial.

Oh altas cathedraes no espaço recortadas,
Oh espectros da noite a meditar absortos!
Oh altas casas! Oh paredes branqueadas,
Aonde tem a cal a pallidez dos mortos!

Oh plantas dos jardins phantasticas, sombrias,
N'um murmurio de dor que um ermo vento leva...
Aromas que mataes, funebres harmonias,
Lagos feitos de lama onde é mais densa a treva!

Triste cidade onde o silencio é um grito enorme!
Oh afflicção da noite! Alma que desespera!
Ruinas que a sombra faz. Grande cahós que dorme,
Abysmo onde vagueia a pallida Chimera!

E' um quadro tragico, onde um vulto amortalhado
N'um nevoeiro d'alma onde ha scintillações,
Vae seguindo uma negra rua, esfarrapado,
No seu olhar levando o esplendor das visões!

Vae seguindo atravez das ruas e das praças,
N'um sonho imenso de revolta e de verdade,
Ouvindo esse clamor sinistro das desgraças
Que anda no ar perdido ao pé da claridade...

Um clamor que assemelha a voz d'este Planeta,
Onde o Delirio acende as notas mais agudas.
E' um clamor que inspira a fronte do poeta
E que na corda dô remorso enforcou Judas!

N'UMA VIELLA

As lages d'uma viella immunda e lamacenta
Exhalam um gemido obscuro e imperceptivel,
Emquanto a chuva cáe e o temporal augmenta
E o vento grita, qual remorso intraduzivel!
Sobre a lama se espelha a tiritar com frio,
Como mancha de sangue, a luz d'um candieiro...
E a infinita expansão d'um tenebroso rio
Toda a cidade afoga em triste nevoeiro!
E n'uma casa humilde, ao pé d'esta viella,
Agonisa de fome uma infeliz mulher.

Sinistro, a meditar, repousa junto d'ella
Um homem que visiona um velho mundo a arder...
Um mundo em chammas, como um bosque tenebroso,
Povoado de leões, de tigres e pantheras;
Um planeta incendiado, emquanto o vento iroso
Leva uma onda de luz a todas as esphas!...
Junto do leito, ha creancinhas a chorar
Que nos lembram, oh dor, emurchecidos lyrics.
Tremem com frio como sombras ao luar
E nos seus olhos ha vertigens e delirios.
Ha muito se apagou o fogo da lareira...
Ouve-se o murmurar confuso das desgraças...
E uma rajada impiedosa e traiçoeira,
N'um sorriso cruel, vae d'encontro ás vidraças,
Emquanto a chuva da Injustiça inexoravel
Invade aquelle lar desafortunoso e triste...
E emquanto a noite imensa, augusta, imperturbavel
E' como a alma, oh dor, de tudo quanto existe!...

UMA TRAGEDIA

Que grande multidão, além, n'aquella praça.
As carruagens não conseguem transitar...
E, n'um presentimento enorme de desgraça,
Tremulo aproximei-me então d'esse logar.

Nas pedras d'um passeio, eu encontrei deitado,
Os olhos já sem luz, com o craneo partido,
O peito todo em sangue, um homem desgraçado
Que d'um terceiro andar havia alli caído...

E uns murmurios banaes de tristeza e piedade
Pairavam sobre mim, como uma sombra futil.
E eu vi toda a irrisão e toda a crueldade,
Inconsciente talvez, d'aquella dor inutil!

A escura multidão chorava aquella morte,
N'esse triste prazer que produzem os dramas,
Onde ha lagos de sangue e maldições da sorte
E martyres a arder entre vermelhas chamas!

Porque é que vós choraes o magro proletario
Que n'um perigo enorme a trabalhar andava,
Um Christo que subira, emfim, o seu calvario
E que entre os Pharizeus, colerico, expirava

Se fôstes vós, irmãos, os unicos auctores
D'esse drama que tanto assim vos comoveu?...
Uma injuria saiu d'aquelles estortores
E, ao ouvi-la, vossa alma inquieta estremeceu!

Era uma injúria de revolta e indignação
Contra a injustiça humana e contra a crueldade
Que obrigam a perder a vida por um pão
Um justo que merece o amor e a piedade...

E o povo dispersou n'um remorso sombrio...
E na sua sombra negra a noite amortalhou
Esse cadaver hirto, ensanguentado e frio
Que aos homens sem amor a Paz arrebatou!...

Sinto na minha alma a dor dos opprimidos.
E trituram meu sêr, Miséria, a tua fome
As tuas sêdes, os teus tragicos gemidos
E essa treva feroz que toda a luz consome!
O luto que entristece os orfãos e a viuva,
Em negros crepes envolveu meu coração.
Pendem do meu perfil as lagrimas da chuva
Onde a Chimera accende o riso d'um clarão.
Ha horas em que eu sinto o soffrimento humano,
A grande dor que chora em cada humilde sêr,

A loucura que toca as ondas do oceano
E a saudade que faz um sol anoitecer!
E' a hora em que no nosso olhar incendiado
Fervem as lagrimas de toda a natureza.
E' a hora em que n'um peito agreste e congelado
Cáe, em flocos de neve, a agua da tristeza.
É quando o poeta sonha o eterno e indefinido
Louco sonho febril em que o mundo delira.
E' a hora em que o mais leve e pallido gemido
Nossa alma faz vibrar assim como uma Lyra!
Momentos d'extase profundo e visionario,
Quando a Revelação as trevas illumina...
Quando n'um frouxo olhar, mortal e solitario,
Parece resplender estranha luz divina.
Instante que recorda a hora immaculada,
Quando a primeira vez bateu a Piedade
Á porta d'uma alma, extatica, admirada,
Que, subito, se abriu a tanta claridade...
Hora em que o nosso sêr parece condensar-se,
Como nuvem subtil, n'uma lagrima pura
Que dos olhos ideaes de Deus vae derramar-se
Por sobre toda a dôr e toda a desventura...

TEMPESTADE

Minh'alma fez seu ninho ao pé d'um grande abysmo,
Onde chega, a tremer, o algido paroxismo
D'um imenso estertor.

Um orvalho de sangue as minhas faces molha,
E o lyrio do Azul por sobre mim desfolha
O vendaval da dôr!

Sinto no coração esse terrivel frio
Que enche os montes de neve e faz gelar um rio
E tiritar o mundo.

Meu cerebro delira em sonhos de tristeza...
E aos meus ouvidos chega a voz da Natureza,
N'um soluço profundo!

E uma tragica voz feita de fel e pranto,
Onde a Alegria chora em pallido quebranto
 E onde é um gemido o vento.
É uma voz afflictiva e triste, onde murmura
A dôr universal, a humana desventura,
 O eterno soffrimento!

Uma voz onde existe o timbre excepcional
Da voz d'um lyrio que emurchece em ermo val,
 Da voz do que soffri,
Da voz da luz que o vento vae assassinar...
Foi essa voz que faz as arvores chorar
 Que me fallou de ti,

Quando, um dia, passei, á hora do poente,
Perto da campa onde tu sonhas suavemente,
 N'uma visão de luz
Que te revela agora o Ideal que de sejaste,
Esse ideal que sobre a terra não achaste,
 Assim como Jesus!

Dorme em paz, meu irmão. Oh victima sublime
Da negra estupidez, da injustiça e do crime
Que ainda insultam Deus!

Dorme em paz; que o teu sonho imenso de Verdade
Ha de ser para o mundo a nova claridade
E o novo azul dos céos.

Teu sonho não morreu contigo. É sempiterno.
É uma bemdita flor sem abril, sem inverno,
Que tu semeaste, irmão.

E será sempre um sol chimerico a fulgir
Sobre as almas que, um dia, o Bem hão de sentir,
Aquelle teu perdão!

Grande acontecimento e cousa extraordinaria!
Quando a tua alma triste, agreste e solitaria
Como Jesus, perdoou.

Oh sublime perdão! Imaculado dia
Que nos permite ver as azas d'harmonia,
Onde a tua alma voou...

Perdão que fez tremer de panico um bandido
E que vestiu de luz o espaço indefinido...

Oh palavra d'amor

Que as estrellas de Deus, cantando, repetiram,
Palavra que tambem os lyrios proferiram,
Sorrindo á tua dor.

Oh divino Perdão! Oh sacrosanto exemplo,
Que merece um altar, Verdade, no teu templo.

Palavra sobrehumana!

Como a essencia que anima as arvores e o granito,
Que o teu perdão de luz, esse sol infinito,
Anime a alma humana!...

*

*

*

Quem pode ser feliz, emquanto houver o mal?
Quem pode ser alegre emquanto houver tristeza?
Sorrir, emquanto chora a dor universal?
Cantar, emquanto é um ai profundo a Natureza?
Quem pode ser sereno, emquanto os vendavaes
Causam naufragios, perdições e mortandades,
E emquanto os homens são injustos, deseguaes
E emquanto sobre a terra ha só calamidades?...
Por isso, tu, minh'alma, oh triste visionaria,
Desce da tua luz ás trevas horrorosas

E guarda, dentro em ti, oh grande solitaria,
As lagrimas sem fim dos sêres e das cousas ...
Desce do etherio azul, alma bondosa e forte!
És precisa no mundo e não nos altos céos.
Que tu conheças bem a noite, o mal e a morte,
Antros onde não chega o resplendor de Deus!...
Deixa os astros, Amor, e desce aos lodações.
Despe a tunica d'oiro, e que teu rosto bello
Fique branco de dor, fique orvalhado d'ais.
Uma lagrima é maior que o sete-estrello!...

MENDIGA

Triste dia de inverno. Os vagos céos brumosos
Têm um gelado ar de amarga desventura...
Como tudo nos abre uns olhos lacrimosos,
Como tudo é cinzento e a propria luz escura...

As verdes folhas estiolam resignadas;
Gelam as lagrimas e o mar, gelam as fontes.
E as arvores vão ser, oh dor, carbonisadas
Pelo incendio do frio, a crepitar nos montes!...

Nas vidraças que o sol trespassa frouxamente,
Ha lucidos crystaes, doidas scintillações,
Como n'um morto olhar se avista, de repente,
Entre as cinzas da treva, o brilho das visões...

A chuva desbotou o meigo azul do céu.
Sopra um vento que fére os roxos corpos nus...
A Fome anda a gritar na rua; enlouqueceu...
E a noite vae, oh crime, estrangular a luz!

E além, uma mulher, pallida e quasi nua
Offerece a uma creança os peitos magoados,
Algida, a tiritar sobre as lamas da rua,
N'essa altivez que aureola a fronte aos desgraçados!

Uma profunda dor põe nodoas de tristeza
Na inquieta limpidez do seu olhar afflicto,
Onde arde um sonho estranho e cheio de grandeza,
Fecundo como o ventre eterno do Infinito!

A Miséria rasgou, sem pena, os seus vestidos;
O seu corpo anda exposto ás geadas e aos ventos...
E descubro atravez seus olhos doloridos,
A alegria da luz que tem deslumbramentos!

Os seus andrajos de mendiga resplandecem,
Um clarão d'alma sáe do seu perfil esguio...
E a sêde e a fome atroz seus membros emurhecem,
Como um lyrio que sente uma impressão de frio!

Pelo seu rosto corre, em fio, um pranto amargo,
Onde um sorriso ethereo eu vejo scintillar...
E lá no vacuo do seu peito fundo e largo
Ha prenuncios d'Azul, grandes symptomas d'Ar!

És uma noite onde ha o quer que é d'aurora,
Silencio que me causa a impressão d'uma voz.
E vejo-te seguir por esta vida fóra,
Como a sombra que Deus projecta sobre nós...

Mysterioso sêr, creatura mysteriosa,
Conjuncto excepcional da aurora e do poente.
Se teu corpo tortura a fome impiedosa,
O sonho vem doirar teu cerebro vidente.

Ella vae atravez das ruas, como o vento
Vae atravez do espaço, em lagrimas desfeito.
E a pallidez da fome é qual deslumbramento
Que lhe illumina o magro rosto e o magro peito!

E aquella carne resequida pela fome,
Dá-nos mais a impressão d'alma que de materia...
E aquella alma que a dor, sem um perdão, consome
Cáe sobre o filho, a rir, como lagrima etherea!...

Ventre do soffrimento onde germina o Amor...
Oh lagrima que o sol do Bem acaricia!
Sangrentos labios a beijar dorida flor,
Noite que traz ao collo a luz d'um novo dia...

Oh dolorosa Mãe, trazes teu filho ao peito,
Como as nuvens do mar os ventos iracundos...
O teu filho é Jesus. É elle o novo Eleito,
E ao sol do teu olhar, as lagrimas são mundos!...

Oh Mãe, oh Creação descalça e visionaria!
Nebulosa a sangrar. Genesis todo em pranto!
Oh divina Mulher, oh Alma solitaria,
Os astros sei ouvir; ouço tambem teu canto!...

Vaes como o sol, vaes como a sombra da Amargura,
Atravez d'uma rua imunda e glacial,
Tendo na tua frente a triste noite escura,
Deixando atraz de ti a aurora do Ideal!...

Passou como um gemido... E quando além da esquina
Seu vulto se escondeu, senti no ar tristonho,
O mystico acordar d'uma visão divina,
Um halito de Deus, um resplendor de sonho...

Nos meus olhos senti um grande alvorecer...
Era uma lagrima bemdita de Piedade,
Era um astro infinito, humano, a resplender,
Na grande irradiação do dia da Verdade!...

A FABRICA

As negras chaminés, quaes boccas tenebrosas
Cospem no azul negros escarros pestilentos
D'um fumo que envenena as paizagens nervosas
E que os lucidos céos nos torna nevoentos...

A fabrica trabalha, e silvos estridentes
Cortam, como uma espada, a tragica atmospherá.
Ha rodas a girar, grandes fornos ardentes,
Terriveis como o olhar sangrento da Chimera!

Lividos rostos, como lagrimas, orvalham
Os vapores que vão mover as engrenagens.
Ha negros vultos revoltados que trabalham,
Emquanto o sol fecunda o ventre das payzagens!

Vem visitar, oh Dante, este medonho inferno,
Os negros antros do Trabalho e da Miséria...
Cavernas onde geme o soffrimento eterno
Que tem no rosto magro a pallidez funerea!

Anda vêr, oh Poeta, os antros do Martyrio,
Os modernos Titans que hão de escalar os céos...
E nas forjas, a arder, as chammas em delirio,
Que, por ventura, anima a colera de Deus!...

E a bigorna onde forja a Dor o raio ardente
Que ha de o mundo imperfeito e injusto fulminar!
Mas n'esta escuridão eu vejo claramente
O brando alvorecer d'um mystico luar...

E da Fabrica cruel, cheia de fumo e treva,
De grandes corações amargos, soffredores
Um grande sonho, oh Deus, phantastico se eleva,
E envolvem a officina estranhos esplendores!...

UMA SOMBRA

Funebre pallidez desce do Firmamento...
D'um cadaver parece exhalações estranhas...
Fugitivo, no azul, vê-se o perfil do vento.
Olha o pallido mar e as lividas montanhas!
Um soturno clamor enche de sons magoados
A cidade que acorda, e observa espavorida
Uma Sombra que tem dois olhos incendiados
Que a tudo vão lançar teu fogo eterno, oh Vida!
Vês a Miséria, Amor? Vamos passar por ella...
E' um esqueleto resequido pela fome.
Anoitam seu olhar nevoeiros de procella,

Sáe um clarão de dor do fogo que a consome!
E um desespero mudo e frio, como a neve
Que inoxoravel queima as ultimas folhagens,
Quando a neblina beija as cousas, ao de leve,
E com seus dedos fecha os olhos das paizagens,
Sobresalta e contráe seu desolado rosto,
Terrível como um grito e inquieto como a treva
Que ao respirar do vento, á hora do sol-pôsto,
Livida, por de traz das arvores se eleva!...
Luctou pela justiça e foi vencida. Amou
Foi odiada. Endoideceu... Grande martyrio!
O riso nunca mais seus labios deslumbrou,
Nos seus olhos sussurra o vento do delirio!
Nos seus cabellos ha crepitações de chamma,
Prenuncios d'um incendio universal e santo...
E no seu peito agreste e rude que não ama,
A colera desperta um tenebroso canto!
Está louca a cantar. Nem olha para nós.
Toda ella é um soluço, um revoltado grito
Aonde vae morrer a nossa fragil voz,
Como um raio de luz no vago do infinito!
Ophelia d'hoje que a Injustiça enlouqueceu,
Debruçada, a tremer, sobre um abysmo imenso!
Lagrima universal na pupilla do céo,
Pranto da Creação d'um ermo olhar suspenso!...

Aquella lagrima evapora, oh sol do amor...
Converte-a em creadora e etherea nebulosa.
Crystallisa n'um mundo ideal aquella dor,
Condensa n'uma alma a carne tenebrosa!...

TODOS OS DIAS

I

Não ha um dia, Antonio, em que não pense em ti.
Como queimam meu sangue as dores que soffri
N'aquelle horrivel dia escuro de tormento,
Em que tua alma subiu, liberta, ao Firmamento,
Quando teu corpo ao caír, inanime, no chão,
Fez a terra tremer em grande convulsão
De desespero insano e colera sagrada!
Minha alma ficou inerte e fulminada
Ao saber d'esse crime hidiondo e tenebroso,
Que meu suave viver tornou tempestuoso.

Que sombria revolta o meu sêr estremece!
Que frio glacial meu peito empallidece,
Quando em meus olhos tenho essa visão sangrenta,
Que de dia e de noite, oh Odio, me atormenta,
Do assassino feroz e vil que te matou
E a quem teu coração divino perdoou!...
Do bandido que adora a injustiça e a maldade,
Do assassino da Luz, do Amor e da Verdade!
Do canalha sem nome e putrido sicario
Que nova cruz ergueu sobre um novo calvario,
E que é a vergonha eterna, oh Deus, da Natureza!
Uma nodoa do Azul, a mancha da Pureza,
A grande indignação da justiça bemdita,
D'uma nuvem, d'um val a vergonha infinita,
O remorso do sol, a agonia do luar
É a nodoa que sujou o revoltado mar
E a face ideal da Vida e o coração de Deus
E os astros virginaes que tremem, lá nos céos!...
A injustiça é o maior dos crimes. Ser injusto
E' ser a encarnação do remorso e do susto,
E' ser a estupidez, é ser a noite e o mal,
E' não ter uma alma, é ser irracional,
E' ser lôdo, é ser pó ou cinza apodrecida,
E' morrer, é não ter nenhum direito á Vida!...

II

N'essa noite sem fim da minha dor enorme,
Onde eu vélo sosinho e aonde tudo dorme,
As vezes, me apparece a tua imagem querida,
N'um fundo de tristeza, em lagrimas diluida...
Vejo-a formar-se, dentro em mim, saudosamente,
Como o espectro d'um sol, n'um livido poente.
Tua imagem de luz, extatica, deslumbra
Todo o meu sêr que é sombra, escuridão, penumbra,
Abysmo, confusão, cahós tempestuoso...
E sinto encher meu vacuo enorme e tenebroso,

Como um golpe de mar, a tua claridade
Que vem de florescer a terra da Verdade,
Que vem de agasalhar mundos desconhecidos,
De dar vigor e alento ás almas dos vencidos...
E então todo eu me sinto enlevado e suspenso,
Como nuvem de dor, do teu Azul imenso!...

E o teu sonho d'amor todo o meu sêr domina,
Nos meus olhos deixando uma visão divina,
Em que tu, grande irmão, appareces nimbado
D'um estranho fulgor sempiterno e sagrado...
E, olhos todos perdão, serenos e bemditos,
Postos nos olhos meus, desvairados e afflictos,
Tu me dizes, n'um gesto infindo de ternura:
«Não descances irmão, percorre a noite escura.
Continua a pregar a Verdade e o Amor.
Accende a luz do Bem na escuridão da Dor.
Continua a sonhar o sonho que eu sonhei...
Toma as armas com que eu, na terra, pelejei,
E nunca faça a paz teu triste coração
Na lucta da Justiça e da Libertação.
Dá teu corpo á fogueira e os teus braços á cruz.
Trabalha, canta, soffre e ri; sê vida e luz».

VIDA DO CAMPO

I

Elevam-se da terra os humidos vapores
N'uma estranha ascensão; e gritos de pastores
Trespasam, como a luz, a mysteriosa bruma...
Nas encostas da serra ha flocos d'alva espuma,
E no orvalho que pende, a rir, dos troncos velhos,
Ha reflexos azues, doirados e vermelhos...
A geada levanta a terra dos caminhos...
Nos arvoredos nus, choram ruinas de ninhos.
Fumegam campos, sob os golpes das enchadas...
Ha fronte ideaes, rugosas, constelladas.

E loiros bois abrem a bocca a fumar,
N'um mugido saudoso e triste como o mar...
Mugido d'egloga que falla de Virgilio,
Como querida voz, n'um silencio de exilio,
Nascido d'um desejo obscuro d'outra vida,
D'uma anciedade, para nós, incomprehendida,
Vaga, crepuscular, como a melancholia
Da lua onde vagueia o teu phantasma, oh Dia!...
Alma dos animaes, que poeta te sondou?
Tuas palpações ninguem as auscultou...
Quem pode conhecer teus intimos segredos,
Oh alma quasi igual á alma dos arvoredos?
Alma obscura a sonhar no longiquo, no vago,
Ebria de nevoa, como o olhar azul d'um lago...
Um mundo interior, estranho e mysterioso
Tu contemplas talvez, alma d'olhar brumoso...
Não conheces, de certo, a imagem illusoria
Da existencia banal, fragil e transitoria...
Estudas simplesmente o mundo do Invisivel,
A luz que para nós é a noite do Insensivel...
Tu profundas o céu, os outeiros e a flor.
Da essencia do Universo alcanças o esplendor!
Por isso, oh alma ignota, em ti murmura a luz
Que deslumbra um rochedo e que bathou Jesus!...

A neblina que o sol tão sofrego absorveu,
Deixa nos quasi vêr, em alma, o azul do céu...
E os montes têm, alem, altos perfis estranhos,
E longe dos curraes, pastam meigos rebanhos...
D'entre elles se destaca, ás vezes, um cordeiro
Que pára e fica a ouvir cantar o pegureiro,
Enternecido como as pedras que escutaram
Os teus cantos, Orpheu, que as cousas encantaram...
E, com um ar antigo, as lindas raparigas,
Hoje rainhas e amanhã talvez mendigas,
Para o almoço dos paes improvisam a meza
Sobre um tronco arruinado e cheio de tristeza,
Que se desfaz em luz eterna e virginal,
Que se vae integrar na alma universal...
Que vae ser Deus, Amor, Genesis, Creação,
E que nos dá sómente a pallida impressão
D'um punhado de pó, de terra, cinza e nada
Que os ventos, a correr, levantam d'uma estrada...

II

E' meio dia. O sol é todo claridade.
As cousas têm um ar crú de realidade...
De nitido o azul é quasi material.
E os ramos nus, pelas encostas d'erمو val,
Projectam uma sombra esguia de esqueleto,
Uma viuva do mez d'abril, toda de preto.
Fulge nos tanques, que trasbordam, um thesoiro ;
Como o Tejo d'outrora, os rios levam oiro...
No céu lavado andam murmurios e rumores,
E grita, n'um delirio, a nitidez das côres!

Nimbam as formas vãs fulgurações estranhas.
E que relevo têm, nos longes, as montanhas!...
E como tudo é claro e lucido e visível.
Como se sente um ramo, á luz do sol, sensível...
Surprehende-se, por pouco, esse instante d'amor
Em que a agua vae ser um mystico vapor,
Um vôo, uma ascenção ignota, indefinida
Do Olivete da morte aos paramos da Vida!
Um penedo sorri, á beira d'uma lympha...
Presente se, n'um bosque, uma invisível Nympha.
E o nosso claro olhar distingue, á luz dos céos,
N'um fundo de floresta o resplendor dum Deus!...
Ladram os cães. Gemem as noras, sem descanso,
E um boi passa por nós absorto, ingenuo e manso...
Eis a paizagem real que falla ao nosso olhar,
Emquanto vemos, pelos campos, trabalhar
O pobre camponez, sem lar e sem candeia,
Que sente o seu suor cair em terra alheia!...

III

N'um pallido desmaio a luz do dia afrouxa.
Envolve os montes uma gaze tenue e roxa,
Que a tudo dá um ar melancolico e suave...
E o vôo tão solitario e triste d'uma ave,
Faz palpitar d'amor o ether invisivel
Que esplende n'um clarão occulto e imperceptivel...
E descem sobre a terra, em nuvens de chimera,
Os perfumes subtis da morta primavera,
Que se vão infiltrar nas almas, onde accendem
Sonhos, ancias, ideaes que os homens não entendem.

Por sobre as cousas paira uma melancholia...
Em tudo ha pallidez de mystica anemia.
As nuvens passam, no poente, a escorrer sangue...
Cada arvore é uma enferma a definhar, exangüe.
E n'uma encosta solitaria e desolada,
Descobre-se uma casa antiga e abandonada,
Onde vagueiam, a sonhar, êrmas saudades,
Phantasmas de luar, sombras de claridades,
Brancos espectros d'uma vida que passou,
Fumo ainda a subir d'um lar que se apagou...
Vae diminuindo a luz. E mansa escuridão
Sobre as formas derrama inquieta indecisão...
Sente-se o agonisar das côres que fallecem,
Sente-se o endurecer dos ramos que arrefecem...
A estrella do pastor corôa um ermo outeiro
E as montanhas, além, parecem nevoeiro...
E o triste camponez, de frente descoberta,
Vae sosinho atravez da paisagem deserta,
Sentindo no seu corpo o gêlo do suor
E a fome que lhe causa uma impressão de dor,
Em direcção á sua rustica choupana
Mais piedosa, e melhor do que uma alma humana...

IV

Noite velha. Por sobre a terra ingrata e nua,
A muda ondulação da escuridão fluctua,
N'um pesado silencio angustioso e afflicto,
Que nos dá a impressão d'um reprezado grito
N'uma garganta que um soluço sufocou...
Negra nuvem de chuva os astros apagou.
É um imobil phantasma, além, um arvoredo...
E occulta sensação atavica de medo
Derrama em nosso corpo um arrefecimento...
E uma inquieta paz, um duro esquecimento

Envolve as almas, os rochedos e as montanhas,
Onde vemos tremer scintillações estranhas,
Que vão ferir o nosso olhar hallucinado
Que a propria treva deixa, ás vezes, deslumbrado!...
Tal como se ella fosse uma revelação,
Como se ella nos dêsse a nitida visão
D'um mundo interior, ignoto e nunca visto,
Onde cáe, sem descanso, o dia do Imprevisto,
N'um niagara de luz que offusca e que deslumbra,
Emquanto esconde a terra uma espessa penumbra...
A noite é mais pesada. O vento principia
A derramar, no espaço, uma vaga harmonia...
Uma chuva miuda e triste, nos beiraes
Põe murmurios de dor, mysteriosos ais...
E as ermas bouças vão ficando humedecidas,
Qual lenço que enxugou lagrimas doloridas...
Emquanto o camponez, n'um grande pesadêllo,
Sente na sua frente o eriçar do cabello
E descobre no fundo obscuro do seu sonho
Um phantasma de luz, esplendido e risonho,
Que nos seus braços o arrebatá, com amor,
Para um mundo ideal onde não chora a dor!...
Entre as arvor's e o céo ha dialogos profundos...
Comove o espaço o ignoto amor que liga os mundos.

De tudo a solidão parece dimanar.
Como um fluido, o silencio as cousas faz sonhar...
Por isso, sem querer, mais baixo, nós fallamos
Quando, á noite, por uma estrada caminhamos...
É um respeito instinctivo, occulto e religioso
Pelo somno bemdito, augusto, mysterioso
Em que adormece a bôa terra, o santo arbusto,
A virgem fonte, o mar sagrado, o lyrio justo!...

O HOMEM E OS OUTROS SÊRES

Quando, ás vezes, eu saio, á tarde, a passear,
As aves e os reptis e os outros animaes,
Todos fogem de mim, ao verem-me passar
E tremores de susto agitam os silvaes...

Os vales sem ninguem, meu sêr enche de mêdo...
De panico eu inundo as sebes dos caminhos.
E, sempre que me sento á sombra do arvoredô,
Ha calefrios de terror dentro dos ninhos...

E eu, que sonho a Piedade e que desejo o Amor,
Que ao ver a Creação me sinto comovido,
Tenho um grande desgosto e uma profunda dor,
Ao vêr-me, oh Natureza, assim incompreendido

Por tudo quanto eu amo enternecidamente,
As estrellas, o azul, as nuvens e o luar...
De que serve a consciencia ao pé do inconsciente?
Se ha só trevas não é preciso ter olhar...

Tu vinhas ter comigo, oh pedra, se me ouvisses,
E vós, ondas do mar e vós, altos espaços!
Se o que eu sinto por ti, oh ave, presentisses,
Tu farias, de certo, o ninho nos meus braços!...

Mas na minha tristeza, eu tenho esta visão
Do amor que ha de reinar em toda a creatura,
Do laço que ha de unir o humano coração
Ao rochedo que sonha e á nuvem que murmura...

Julgo que vou subindo a encosta d'uma serra
E que nas arvor's fulge o luar da Piedade...
E que as aves do céo e os animaes da terra
Projectam sobre mim uns olhos de bondade...

UM BURRO

Eu encontrei, um dia, a pastar sobre um prado
Um burro magro, esguio e triste e abandonado...
Elle tinha o quer que é de anachoreta ascetico
E na sua frente triste um doce olhar profetico...
Um inspirado olhar, profundo e visionario
Que vê tudo atravez da noite do Calvario...
Que além da realidade avista o Ideal!
Olhar inconsciente, olhar irracional
Ou como a luz do luar ou como a luz do dia
Que avistam um perfume e vêm toda a harmonia...

Olhar que só descobre o que o Universo sente;
Olhar feito p'ra vêr o Espirito sómente...
Que n'uma lagrima só vê bemdita dor,
N'uma pedra uma alma e n'um lyrio um amor.
Divino olhar que nos parece amortecido,
Como um astro remoto a nada reduzido,
Porque brilha no Além, no azul distanciamento,
Onde tudo é paixão, belleza e sentimento!...
O seu corpo era alto, humano e muito ossudo,
Corpo de sabio definhado em longo estudo.
E o seu bello perfil, no ar, se desenhava
E o Sonho, como a luz, seu corpo aureolava...

È ao vê-lo, eu meditei, oh Deus, n'uma alma triste .
Que soffre a eterna dor de tudo quanto existe...
N'uma alma misteriosa, occulta e incomprehendida,
Que conhece o principio e o vago fim da Vida...
Que attingiu o Absoluto e a pura consciencia
De tudo — desde a Forma ao resplendor da Essencia...
Que vive na visão eterna da Verdade,
E que vae toda amor, toda paz e humildade,
Sob açoites crueis e duras chicotadas,
Pela horrorosa mão da Estupidez vibradas,
Em busca do Martyrio, a caminho da cruz,
Para morrer, salvando, assim como Jesus!...

VIDA DO MAR

I

Quantas tardes, eu vou, sosinho, passear
Ao longo do brumoso e soluçante mar...
E vejo, ao cair do sol nas ondas abrazadas,
Entre as rochas que estão de espuma coroadas,
Tristes habitações de pobres pescadores...
Telhados p'ra abrigar soluços, ais e dôres.
São choupanas onde ha postigos e janellas,
D'onde a Tristeza vê, ao longe, as brancas vélas,
Navios onde vae ao leme a Saudade...
Sopra um vento que traz a viuvez e a orfandade...

Sente-se palpitar o coração do Oceano
Que pela lua tem um grande amor humano.
Tremem as ondas n'um ataque de hysterismo.
E nas gaivotas ha a tentação do abysmo,
Tão altas ellas vão, n'um vôo mysterioso...
Assopra, desgrenhado, um vento lacrimoso...
E nas correntes d'ar que as ondas arrefecem,
Vibram as sensações que uns nervos estremezem...
Sensações que vão ser ineditas imagens
No cerebro do mar, feito para as sondagens.

Como uma aza negra, a triste cerração
Desce do céu, cheia de horror e de aflição!
E um medo sobressalta as ondas que se atiram
D'encontro á êrma praia, onde, chorando, expiram.
Os promontorios nimba uma aureola d'espuma.
Relampagos de dor incendeiam a bruma,
E, n'um clarão de incendio, ella se transfigura...
Depois, a noite fica ainda mais escura.
E as aguas vão pequenos barcos devorando.
Rasgam o ar terriveis ais de quando em quando!
Beijos de despedida e ultimos abraços,
A caminho da Paz, percorrem os espaços.
Furam a espuma mãos crispadas de terror,
È ha corpos a boiar, d'onde fugiu a Dor...
E, qual phantasma sobre as tenebrosas ondas,
Livido e amortalhado em trevas hidiondas,
Vê-se um navio enorme e negro a naufragar,
Onde entra, n'um rugido amargo, o vasto mar!...

III

Um vulto esguio de mulher, todo de preto,
Abraça, sobre a praia, um tragico esqueleto
Que uma onda, com amor, nos seus braços lançou,
N'um gesto d'alva espuma onde o luar scintillou...
E a noite vaga sobre as aguas repouzada,
Sentiu a Pallidez torná-la desmaiada...
E um fremito de dor, no ar, resplandeceu.
E depois, todo o mar antigo escureceu.
E a treva adquiriu tão grande intensidade,
Que me dava a impressão de estranha claridade

Que, em vez de deixar ver, meus olhos deslumbrava.
E o mar tinha uma voz profundamente cava...
E a bruma, n'um suor gelido d'agonia,
Aos cavernosos céos, phantastica, subia...
Emquanto o mar beijava os ingremes rochedos,
No desejo que prende o vento aos arvoredos.
E os negros temporaes, no horizonte, passavam
E as destemidas naus, com colera, insultavam!
E aquelle vulto se escondeu nas trevas densas
Que abrigam, com amor, as afflições imensas...
E a noite trespassou a crua luz d'um grito
Que ampliou até Deus a sombra do Infinito!...

IV

Velhos homens do mar, oh rudes marinheiros,
Filhos dos temporaes, irmãos dos nevoeiros.
Confidentes do amor que as ondas illumina.
Traductores da lingua estranha da neblina...
Oh leitores do livro azul do Firmamento.
Interpretes do luar, das nuvens e do vento!...
Almas rudes que têm a energia do mar.
Cabellos brancos n'uma chuva de luar...
Oh fronteas ideaes batidas do nordeste!
Vagos olhos a olhar toda a amplidão celeste...

Oh perfis onde morre o clarão do sol-pôr
Que d'entre as ondas sáe n'uma explosão de dor!
Marinheiros da Grecia antiga que assististes
Do alto das vossas naus, anciosos e tristes,
Ao suicidio de Sapho e ao canto das Phrinés
E ás grandes comoções que agitam as marés!...
E que vistes nascer, n'um dia excepcional,
Venus—esse sorriso eterno e universal—
D'uma onda que os clarões da aurora fecundaram,
Quando as aguas e a luz, famintas, se beijaram,
N'um desejo d'amor que sempre se traduz
N'uma arvor que dá flor bem antes de ser cruz...
N'um desejo ideal, chimerico, imprevisto
Que foi o pae de Pan e foi o avô de Christo!...
Velhos homens do mar de todos os paizes,
Oh rudes corações cheios de cicatrizes,
Abertas pela mão cruel da Nostalgia...
Almas feitas de treva e de melancolia,
Inquietas, sempre a olhar o fundo d'um abysmo
Que estremece n'um grande e eterno paroxismo,
Por sobre o qual vagueia a sombra de Virginia,
Leve como o perfume ethereo da glicinia,
Branca como, no inverno, a gelida camelia,
Levando ao lado a sombra pallida de Ophelia;
Cabellos soltos, alma feita de amargura,

Olhos phenomenaes onde canta a Loucura!...
E as duas sombras vão a chorar e a cantar,
Como outr'ora Jesus, sobre as aguas do mar...
Homens que adormeceis no seio das tempestades!
(Mysteriosas paixões, ignotas anciedades...)
Aos meus ouvidos vem a voz da Natureza
Cheia da vossa amarga e tragica tristeza...
E sinto na minh'alma a grande solidão
Que, no meio do mar, vos toma o coração!...
Eu vivo, como vós, no infinito e no vago
Que ha n'um dorido olhar e n'um nevoento lago;
N'uma onda a mudar-se em nevoa transcendente,
Nos ermos animaes que soffrem como a gente...
Eu vivo, como vós, a vida extraordinaria
D'uma véla, ao luar, longinqua e solitaria...
A existencia subtil da vaporosa espuma,
Em cujos olhos brilha a tua alma, oh bruma!
E sinto, como vós, o desespero insano
Que eleva até á lua as ondas do Oceano!
E a revolta sagrada, a colera bemdita
Que sobre a terra, em agua, as nuvens precipita...
Que faz gritar, no espaço, o vento desgrenhado,
Um réprobo talvez, um doido, um condemnado...
E sou filho tambem da grande tempestade
Onde ha relampagos d'amor e de verdade!

TREVAS

N'uma treva d'abysmo, eu vejo naufragar
Os sêres que descubro á luz d'esse luar
Que sobre o mundo chora uma lua de morte...

Um vento de descrença, um frio vento norte
A arvore do Ideal açoita cruelmente...
E seus labios em flor estiolam, n'uma ardente
Sêde de primavera e fome de Verdade.

E os seus ramos já nus, hirtos, na imensidade
Descrevem gestos de loucura e de tristeza,
Que fazem arripiar a alma da Natureza...

Uma treva d'abysmo as almas asfixia,
Emquanto a luz do sol é um riso d'ironia
E é uma gargalhada o soluçar das ondas...
E enquanto o vento diz palavras hidiondas,
E as estrellas do céu são lagrimas perdidas
Que, n'algum morto olhar, ficaram esquecidas...

E eu vejo a alma humana agonisante e triste,
Na descrença fatal de tudo quanto existe,
As palpebras cerrar á evidencia da Luz,
Como outr'ora Caifaz quando julgou Jesus!
E abri-las, n'um assombro, á noite da Mentira,
Em cujo seio o Mal, n'uma embriaguez, delira!
Eu ouço a alma humana afflicta, no estertor,
D'uma agonia cruel, dizer á sua dor:
«Sou uma sombra, uma mentira, uma illusão!
Não sou fonte de luz, mas sim de escuridão...
A vida não foi mais que um pretexto banal
Para que, um dia, oh dor, o phantasma do Mal
Sahisse da inconsciencia obscura do Universo,
Onde elle em cada cousa existiu já, disperso!

O Amor, a Perfeição, a Justiça e a Verdade,
São como nuvens a fugir na imensidade,
Que o vento norte n'uma lagrima condensa
E que o sol vae beber com uma sêde imensa!
A vida não é mais que este horrivel momento
Em que se chora e soffre, emquanto o doido vento,
Sem ternura, arrebatada os nossos frios ais,
Delirante, atravez os êrmos pinheiraes,
Onde elles deixam, a gritar, sombras estranhas
Que inudam de pavor o dorso das montanhas!...
O céu é apenas um disfarce azul do inferno.
O claro mez d'abril é o desgrenhado inverno
Mascarado de flor.

De que serve nascer,
Ter um sonho, um ideal? para depois morrer...
E a morte é a podridão, o nada, a cinza fria...
E a luz que em nós brilhou toda amor e harmonia,
Em que treva e silencio ella se converteu...
A que abysmo sem fim, chorando, ella desceu!...
E quando brilha nos meus labios um sorriso
E nos meus olhos a visão do Paraizo,
Quando mystica luz trespassa o nosso sêr,
Talvez, oh negra dor, nosso intimo prazer
Torture, sem piedade, ignotos corações!...

De quantas mortes serão feitas as visões?...
De quantas dores, para nós, mysteriosas
Será feito o prazer que enche um perfil de rosas?...
Deus é filho da Dôr... se acaso Deus existe.
Brotou do seu olhar este Planeta triste,
Como uma lagrima sombria e torturada
Que no lenço do Azul caiu desamparada!

Corações a brilhar, lagrimas a sorrir,
Uma aza no azul, uma estrella a fulgir,
A aurora d'um ideal, a luz d'uma chimera,
Perfumes a nadar n'um céu de primavera,
São formas deseguaes, são aspectos diversos
Da dor de Deus que chrySTALLISA em Universos!
Eis a razão porque sómente descobrimos
De verdadeiro, em nós, as dores que sentimos
E que afinal também só vivem um instante,
Em pranto diluindo o nosso olhar distante
Que morre como, á tarde, o fumo que se eleva
Da paizagem que sente o halito da Treva!
Tudo é nevoa e illusão...

E eu chorei friamente

Ao ver aquella alma humana tristemente
A' evidencia da luz as palpebras cerrar,
A' Alegria que doira as ondas ao luar,

A' Verdade que falla em cada humilde cousa,
A' Belleza que sonha obscura, mysteriosa
Em cada flor, em cada estrella, em cada fonte,
E á Bondade que vive e reza em cada monte!...

E ao ouvir a alma humana, eu tive essa visão
Do mundo a naufragar n'um mar de escuridão.
E a Terra tinha um ar de convez, onde as aguas
Entram, a soluçar, desconhecidas magoas,
Emquanto, n'um terror enorme, os marinheiros
Gritam na sombra espessa e triste dos nevoeiros!...

*

* *

Do mesmo beijo ideal que prende o céu á terra,
Nasceram a alma humana e as arvores da serra...
A mesma luz, o mesmo sonho, a mesma ancia
Anima uma floresta e a nevoa da Distancia...
No intimo da pedra explende a etherea chamma
Que um fragil coração d'um santo amor inflama...
Quantas rochas, encontro, á tarde, a meditar.
Uma pedra, por pouco, é lagrima ao luar...
Bhouda aprendeu comvosco, oh arvoredos nós,
E houve um lyrio que foi o mestre de Jesus.
Nos meus olhos murmura a vossa agua, oh fontes.

E um grande sonho eleva os penhascos montes!
E um amor, afinal, é todo o Firmamento
Reduzido a um subtil e simples sentimento...
Um beijo ardente é o sol. Um abraço a Attractão.
Oh sapo, és uma estrella. Oh lama, és um clarão!
Quem destroe uma flor, quem mata um sêr humano
Veste de negro luto as ondas do oceano,
A areia do deserto e as estrellas dos céos,
Lagrimas onde brilha a occulta dôr de Deus...
E por isso, a Justiça, o Amor e a Piedade,
Devem agasalhar na sua claridade,
Qualquer alma que chore, ou d'homem ou de flor,
Por se ver triste e só na noite d'uma dôr!...

DOR

Uma saudade abala, ás vezes, todo o mundo.
Uma chama de dor irrompe d'alto monte...
E está constantemente, além, meditabundo
E d'estrellas molhado o rosto do horizonte...

Dos arvoredos tombam gottas crystallinas.
Os olhos dos leões são fontes caudalosas...
Ha rios a chorar a angustia das neblinas!
Ha nos labios do sol palavras dolorosas...

Ha tristes expressões n'um aspero rochedo.
Vê-se atravez d'um tronco um livido fulgor...
Lagrimas n'uma face, orvalhos no arvoredó,
São corpos eguaes soffrendo a mesma dor!...

A mesma nuvem transcendente a condensar-se
Na mesma chuva de paixão e de martyrio.
Sempre que o pranto vae no espaço derramar-se,
N'uma alma ou no pó, floresce o mesmo lyrio...

Poetas, interrogae as lagrimas de tudo...
O vento, a pedra, o ar, as nuvens e o oceano.
Todo olhar apagado e todo o labio mudo,
A tristeza divina e o soffrimento humano...

Que vosso corpo n'esse pranto se dilua.
Vossas almas lavae n'essa agua abençoada,
Como no vasto mar se purifica a lua,
Depois de percorrer a terra maculada...

É bem certo que a Dor é a essencia do Universo.
A dor é a alma. A dor é o espirito ethereo.
A dor floresce um ramo e faz brotar um verso.
Soffrer, é penetrar no mundo do Mysterio...

Uma lagrima explica a estranha Creação,
Profundae-a, e vereis a mysteriosa origem
Dos mundos e dos soes. E um grito de afflicção
Deixa-nos surprehender, oh luz, teu corpo virgem!

E vemos n'um suspiro, oh vento, as tuas azas...
Esse dorido ar quem sabe o que elle leva!
Ouve-se, n'um desejo, o crepitar das brazas
E ha na luz d'um olhar a explicação da Treva!

A vida é redempção e a noite é a mãe do dia...
Atravez do Universo avista-se uma cruz.
Quem soffre, resplandece. A lagrima allumia.
Oh dor, riso de Deus e pranto de Jesus!...

*

*

*

A inconsciencia e o mal são a origem da Vida.
Seu fim é a Perfeição sonhada e presentida
Pelo poeta que soffre e canta e reza e chora
Para mudar a sua noite n'uma aurora...
A dor é a estrada que vae dar ao Ideal.
Soffre para ser alma o verde pinheiral,
E só um sacrificio ingente é que transforma
No clarão d'um amor a noite d'uma forma!
E só a dor converte em luz a penedia...
O perfume d'um lyrio é filho da agonia

Que de pranto constella os ramos dolorosos
Dos arvoredos transcendentos, mysteriosos...
Que tragedia a da terra antiga e embrutecida
Para desabrochar em sonho, em alma e vida,
Para ser um Platão, um Boudha ou um Jesus!
E para ser olhar o que soffreu a luz!
O claro sol tocando um corpo, de repente,
Volta-se para si, n'um extase consciente...
E é reflexo e luar, é lagrima e visão.
Apollo, a tua sombra, ao vêr-te, é a comoção!
A tua sombra eu sou, como uma pedra ou flor.
Dar sombra é irradiar a noite d'uma dor...
A penumbra é a tristeza ideal da claridade.
Osiris, eu bem sei que sou tua saudade...
Um crepusculo d'alma, aurora sacrosanta,
O vagido d'um Deus ao collo d'uma planta...

Minh'alma está presente em toda a dor alheia.
Sinto nos labios a secura da estiagem.
Em cada lagrima scintilla a minha imagem...
Qualquer cousa de mim cada suspiro leva.
Chora, na minha sombra, o genesis da Treva!
E a luz do meu olhar é o sangue immaculado
Que derrama no espaço o sol crucificado...
Das lágrimas do Som nasceram meus ouvidos,
Como tristes jasmins ou lyrios doloridos...

Arde meu corpo em cada incendio que se ateia.
Minh'alma está presente em toda a dor alheia.
Sinto nos labios a secura da estiagem.
Em cada lagrima scintilla a minha imagem...
Qualquer cousa de mim cada suspiro leva.
Chora, na minha sombra, o genesis da Treva!
E a luz do meu olhar é o sangue immaculado
Que derrama no espaço o sol crucificado...
Das lágrimas do Som nasceram meus ouvidos,
Como tristes jasmins ou lyrios doloridos...

São golpes ideaes que no meu ser abriju
A harmonia dos soes que só Platão ouviu!
Talvez, dentro de mim, soffra o Universo inteiro.
Nos meus sonhos branqueja o vago nevoeiro...
Meu coração anima invisivel effluvio
E existem no meu pranto as aguas do Diluvio!
Sou uma chaga tua, oh martyr Creação
Que soffres uma eterna e tragica paixão,
No calvario sem fim dos mundos e dos céos
Para alcançar talvez a redempção de Deus!...

Sede bemditas, lagrimas sagradas
Que sois feitas de treva
E derramaes a luz das alvoradas!
Bem dita seja a dor que tudo eleva...

Oh dor, oh mãe de Deus, sê tu bem dita.
Via-lactea sem par,
Por onde vão o mal e a noite afflicta
Diluir-se em Deus, como um rochedo em luar!



Oh grande soffrimento,
Oh redempção da Alma universal!
Oh dor que empallidece o Firmamento,
N'um desmaio de ideal!...

Oh dor, filha dos Genesis sombrios,
Oh phantasma, n'um Cahós, vagabundo!
Oh Boudha das estrellas e dos rios,
Jesus do mar profundo!...

Bem dita sejas tu, divina dor!
Fogueira d'onde sáe a luz de Deus.
Sol meditando a eterna lei do Amor,
No deserto dos céos!...

O HOMEM E O UNIVERSO

I

Subito, uma tristeza o nosso peito invade,
E sem saber porque, magoados, nós choramos...
Nasce do pó ou d'uma pedra essa saudade?
Com certeza ella vem no ar que respiramos.

Anda errante no Azul, como um perfume ethereo,
A ignota dor que deixa o mundo em convulsões!
Ha nas azas do ar cinzas de cemiterio...
Percorrem nosso sangue os mortos corações.

E sinto, dentro em mim, uma tristeza vaga,
Sem causa conhecida. E choro sem saber.
E o meu pranto que o sol insaciado apaga,
É a lenha que o conserva eternamente a arder!

E eu amo e penso e sonho e vivo e a minha vida
Não me pertence a mim, anda esparsa no ar.
E assim minha existencia obscura, indefinida,
É a existencia da flor, da agua e do luar...

Por isso, eu não sou nada e a morte não é nada.
Que importa á Creação que eu sinta o que ella sente?
Dizei-me de que serve á virgem alvorada
Reflectir sobre um charco a sua luz consciente?...

O homem é um reflexo estranho e excepcional
Do universo que segue um rumo nunca visto.
Socrates, a cicuta ouviu o teu ideal...
E a arvore cruz sentiu a aspiração de Christo!

Estudae, com amor, um homem, e vereis
Que elle é a sombra de tudo, o phantasma das cousas.
N'elle murmuram soes e floridos vergeis,
Sua carne irradia as noites mysteriosas...

Ei-lo a sombra de Deus e a sombra do Amor!
E como sombra, segue o corpo que a projecta.
E Deus para onde vae? Só sei que vem da dor
Que de lagrimas véla a face do poeta...

The first part of the history of the
of the kingdom of England
of the kingdom of England
of the kingdom of England

The second part of the history of the
of the kingdom of England
of the kingdom of England
of the kingdom of England

The third part of the history of the
of the kingdom of England
of the kingdom of England
of the kingdom of England

The fourth part of the history of the
of the kingdom of England
of the kingdom of England
of the kingdom of England

II

E como tudo vem impressionar minh'alma...
Não lhe é indiferente a sombra mais subtil;
Nem o silencio que amacia a noite calma,
Nem o doce abrolhar do claro mez d'abril!

Sente-se presa a' tudo; e em vôos estremece,
Quando um raio de sol, como um beijo, a deslumbra!
Ensinou-lhe a Tristeza um dia que anoitece,
Mostrou-lhe o Indefinido o vago da penumbra...

E creio que noss'alma, um dia, se formou
Das altas impressões que, dentro em nós, gravaram,
As imagens ideaes das cousas que beijaram
Nosso olhar que um perfume ethereo perturbou...

Talvez, quando Jesus, em mystica oração,
De pallido perfil e de inspirado olhar,
A piedade ensinou aos homens e o perdão,
Fallasse, dentro d'elle, um raio de luar!...

E oh Socrates, assim a voz que tu ouviste,
Era a voz do Universo, a fallar alto e só!
O deserto compoz, outr'ora, um poema triste
Que verteu para a lingua humana o velho Job.

E o genio de teu lar, oh Socrates' vidente,
Era o pó que teus pés, andando, levantavam...
Era invisivel sombra occulta e intelligente,
Que sobre a tua alma as cousas projectavam!

Era o espectro ideal do Universo infinito,
Que, por momentos, tu soubeste surprehender...
Era o luar que nimba as aguas e o granito,
Era o clarão do incendio em que está tudo a arder!...

Uma ideia sublime e um grande sentimento
São filhos da influencia astral que, em nós, exercem
Um astro que scintilla, o murmurio do vento
E as nuvens que, no Azul, á tarde, empallidecem ...

A VOZ DAS COUSAS

(O VERME)

Eu vivo no interior das negras sepulturas.
Só eu sei conhecer as grandes amarguras
Dos que pedem á terra a paz e o esquecimento...
Na sua antiga dor encontro um alimento...
E nas suas lagrimas sombrias e geladas,
Como nos lagos ou nas fontes prateadas,
A's vezes, mato a sede... E o mau ar que respiro
Tem o amargo sabor d'um ultimo suspiro...
Por isso, bem conheço a dor do homem...

(A LUA)

E eu,

Que faço desmaiar, á noite, o azul do céo,
N'um longiquo Planeta avisto um fragil ser
Que, á minha luz de sonho, eu vejo entristecer...
A minha luz é o pó de mortos corações,
Poeira d'amores, fria cinza de illusões,
Que eu derramo no Azul, n'um gesto extraordinario
De quem semeia um campo enorme e solitario...
E essa poeira germina e cresce e se traduz
Em lyrios de saudade e florestas de luz!...
E assim, o Firmamento é uma floresta virgem
D'almas que vão beber á sua propria Origem,
Uma agua espiritual d'amor e claridade
Que d'estrellas orvalha a flor da Eternidade!...
Por isso, na distancia, oh homem deslumbrado,
Envolto em meu clarão, tu scismas concentrado.
E teu pallido olhar a minha face banha...
E meu corpo percorre uma impressão estranha,
E sinto, dentro em mim, desconhecida dor
Que irmana o teu olhar ao meu glacial pallôr.
Ninguem, como eu, conhece a tua melancolia
Oh creatura humana!...

(O SOL)

Eu sou o pae do dia...
Sou velho tronco, a arder, no lar azul do espaço.
Os planetas abrange a curva do meu braço.
Eu sou um grande lar onde os mundos se aquecem...
Sempre milhar's de mãos que os gélos arrefecem,
Se estendem sobre mim... E descubri entre ellas,
Homem, as tuas mãos, orvalhadas d'estrellas,
De lagrimas, talvez... Meu lucido fulgor
Sabe comprehender tuas lagrimas de dor
Que nas azas ideaes da Vaporisação,
Alcançaram meu grande e ardente coração!
Vejo-as dentro de mim. E minha luz bemdita,
Que n'uma benção cáe da abobada infinita,
Quando seus labios vão beijar o pranto humano
Que lhes fazem lembrar as ondas do oceano,
Sente-se triste... e vem trazer-me essa tristeza
Na nuvem que troveja e que suspira e reza!...
Tenho, dentro de mim, o humano soffrimento...

(O VENTO)

Sou a alma do Ar, o espirito do Vento...
Habita no meu peito a alma da Tempestade.

Eu amo os vendavaes, a loucura, a crueldade!
As arvores em flor, desfolho-as, n'um delirio...
O meu maior prazer existe no martyrio
Que faz gritar as naus a braços com as ondas...
Fulgem no meu olhar as trevas hidiondas!
Gosto de ver, á noite, os perturbados céos,
Quando meus gritos quasi empallidecem Deus!
E quando os pinheiraes, n'um sussurro profundo,
Têm blasfemias sem nome e insultos para o mundo!...
Arrasto, pelo ar, em negros turbilhões,
Ermas nuvens que são sombrias illusões...
Comigo vão tambem as folhas que seccaram...
Perfumes que os jasmims, sósinhos, exhalaram...
Tudo o que anda, n'um vôo chimerico, perdido,
Tudo comigo vae para o Desconhecido...
Quando passo a gritar por sobre as tuas casas,
Oh triste ser humano, alcançam minhas azas
Mysteriosos ais, occultas amarguras
Que me deixam, oh treva, os olhos ás escuras!...
E as lagrimas que eu dou aos ramos do arvoredo
E as que choro, ao luar, no seio d'um rochedo,
São talvez o teu pranto, humana creatura.
Nos meus suspiros geme a tua desventura!
Sou uma lagrima com azas d'esplendor
Que projectam na terra a sombra da tua dor!...

(O MAR)

Homem, eu bem conheço o eterno soffrimento!
Em nuvens, sobe ao céo meu constante lamento...
E sabem-no de cór os concavos rochedos
Que tremem, ao ouvir meus tragicos segredos!...
O meu soluço enorme attinge a luz da lua
Que é a tristeza de Deus que sobre mim fluctua!
Doces rios que vêm do interior das terras,
Filhos dos lagos e das fontes que ha nas serras,
Suavisar um pouco esta minha amargura
Que abrange toda a terra esteril, erma, escura,
Contam-me a soluçar historias sangrentas
De martyrios crueis, de gerras e tormentas!
E suas aguas, oh dor, doces e immaculadas,
Têm um sabor a sangue; estão ensanguentadas.
Quem conhece, como eu, a tua grande dor?
Lagrimas de tristeza e lagrimas d'amor,
Nas minhas ondas sinto o vosso sal amargo!
E ha sepulchros tambem n'este meu peito largo,
Insondavel... Eu tenho a sciencia do Mysterio
Que ha só no livro sepulcral d'um cemiterio!
Conheço todo o pó e leio nas caveiras...
Tenho assistido a muitas horas derradeiras.

Muito ultimo suspiro agita minhas ondas...
Vagueiam muitos ais nas trevas hidiondas
Que pousam no meu peito, aonde as ventanias
Cantam um psalmo eterno e negro d'agonias!...
Ninguem, como eu conhece, o soffrimento humano,
Eu, o martyr sem nome, o ensanguentado Oceano,
Um outro Prometheu...

(O HOMEM)

Oh seres mysteriosos!

Ignotos corações! oh ventos lacrimosos!
Oh atomos! essencia! Ondas espirituaes,
Oh ignorados soes, almas dos temporaes,
Universos sem fim! Mysterios! Afflições!
Espiritos sem nome, occultas comoções!
Trevas a soluçar, almas desconhecidas,
Sombras, gritos de luz! mysteriosas vidas!
Incendios, febres e delirios e loucuras!
Vermes e vendavaes! Oceanos, sepulturas!...
Vejo que tudo soffre a minha grande dor,
Vejo que em tudo brilha a luz do meu amor!...
Minh'alma não é só na vida e abandonada...
D'outras almas está, oh Deus, toda cercada...
Soluça a minha dor em toda a Natureza.

E n'uma nevoa, cáe toda a minha tristeza
Por sobre toda a alma e todo o coração!
Todo o deserto sente a minha solidão...
Ha olhos ideaes, occultos, ignorados,
De minhas lagrimas sangrentas orvalhados!...
Tambem existe o amor, a dor, a humanidade
N'esse infinito mar, n'essa profundidade,
No longiquo interior dos seres e das cousas,
N'esse abysmo sem fim das almas mysteriosas!...
Da minha grande dor que tudo faz soffrer,
Neve que faz o proprio Deus arrefecer,
Preciso libertar a minha alma triste!
Oh! A libertação de tudo quanto existe!
A Justiça a estênder as azas sobre a Terra!
O Bem, como uma luz, doirando toda a serra!
O Amor, como uma estrella etherea, a fecundar
Os montes, os jardins, as florestas, o mar!
A Verdade a sorrir em cada labio mudo!
A Natureza livre! A redempção de tudo!...

ASCENÇÃO

Sob os golpes da chuva, agonisa um rochedo;
E corta a sua face o chicote do vento.
A neve desagrega-o. E as raízes do arvoredó
Trespasam o seu corpo em busca de alimento.

O colosso estremece, e n'uma areia fina,
Espalha-se atravez os campos e os outeiros...
E ao contacto subtil da agua cristalina
Que, sonhando, derrama os brancos neveiros,

Vae transformar-se em fertil terra creadora.
E n'esse humus germina o trigo — astros dos céos —
N'esse humus comovido, em pranto, quando a aurora
Apparece, no azul, como o esplendor de Deus!

E no seio da terra inflamado d'amor,
Sementes aureoraes, famintas, vão mamar
O leite que intumece os peitos d'uma flor
E que tem o perfume estranho do luar...

Na ancia de crescer, de amar e de sentir,
Sob os beijos do sol, germina uma semente...
E dos montes azues começam a surgir
Os bosques que, ao luar, conversam vagamente...

Troncos velhinhos, ramos seccos e despidos,
Sagrados bosques, arvoredos venerandos,
Sombras onde ha piedade e gestos doloridos,
Que ao respirar do vento, oscillam, murmurando...

Grandes bosques a orar, serenos e impassiveis,
N'uma voz ideal, divina como aquella
Que dimaná, a brilhar, dos labios invisiveis
Que os labios do horizonte encontram n'uma estrella!

Sois a realisação do sonho extraordinario,
Da ancia enorme d'uma pedra que estremece,
Oh pinheiros do monte, oh bosque solitario,
Confidentes do sol que vos deslumbra e aquece!

Segredo sempiterno e mysterio profundo!
A pedra a evaporar-se em alma... a escuridão
A converter-se em luz! um insensivel mundo
A estremecer n'uma primeira sensação!

Silencio obscuro a despontar em harmonia...
Arvore, filha do amor, do genio e do delirio!
Alma que desabrocha e cresce e se faz dia,
Seixo que se comove e vibra até ser lyrio!...

E a arvore vive e canta e sonha uma outra luz...
Aspira a um outro mundo, ao humano coração.
Nos seus ramos quer ter o gesto de Jesus,
Sua seiva quer mudar no sangue de Platão!

Ei-la uma lagrima, ei-la um homem mysterioso;
A bondade, a justiça, um santo amor bemdito...
Ei-la um olhar perdido, além, no céu brumoso,
Ei-la a sêde de luz, a fome de infinito!...

E, sob o peso da Injustiça, a Humanidade
Vae soffrendo e sangrando á luz d'uma chimera.
Vae transformando a sua noite em claridade
E o seu nevoento inverno em virgem primavera.

Vae sonhando outro mundo ethereo e espirital...
Vae ascendendo para a vida superior.
Vae com destino á Luz, a caminho do Ideal,
E o seu corpo irradia um branco luar de dor...

Pela alma ella alcança os corações divinos,
Pela carne ella toca os féros animaes...
Por isso um homem liga os céos diamantinos
Á negra podridão e aos sujos lodações!

Por isso, é elle a grande escada de Jacob
Por onde a terra bruta ha de subir aos céos.
Grande vôo da Materia, oh Ascensão do pó,
Pedras que vão mudar-se em alma ao pé de Deus!

OS CONDEMNADOS

Olhos em febre, a arder, cabellos desgrenhados,
Vão atravez da Vida os grandes condemnados!
Estes levam no rosto a luz da suavidade,
Aquelles a altivez, uns a branda humildade,
Outros o desespero, a santa indignação!
Todos vão atravez da grande solidão,
Do deserto infinito onde soluça a dor
E onde foi, certa noite, assassinado o Amor!
Eis os vencidos, os famintos e os malditos,
Cheios de aspirações e sonhos infinitos!

Elles vão arrastando a sua negra cruz,
Vão abrindo na treva um caminho de luz!
Suas lividas mãos, sangrentas e chagadas,
Lançam por sobre as terras más, despovoadas
As sementes do Bem que levam d'entro d'ellas
A seara que produz o trigo das estrellas!

O vulto de Caim entre elles eu avisto,
E mais ao longe, a sombra livida de Christo.
O Socrates sorri á taça do veneno...
Que luz elle irradia, e como vae sereno!
Boudha analysa o sol e os comovidos marmores
Que sentem palpitar os corações das arvores.
Brilha no seu olhar a dôr incomprehendida
De tudo o que parece morto e que tem vida!..
Tem palavras d'amor para as nuvens do céu...
E vejo, mais além, o grande Prometheu
E a aguia a triturar, sem dó, suas entranhas!
Spartacus vae febril e coleras estranhas
Projectam um clarão d'incendio no seu rosto!..
Virgilio é um luar chimerico de agosto...
A estrella do pastor, qual lagrima, scintilla
No horizonte da sua elegiaca pupilla...
Sombras do anoitecer, murmurios do arvoredado,
Balidos de ovelhinha em cima d'um rochedo,

Melancolicos sons de avena harmoniosa,
Tudo isto forma a sua alma mysteriosa
Que sonha a Edade d'Oiro... E o Dante tem no olhar
As chamas infernaes, d'onde sae um luar
Que ascende, como um sonho, aos chimericos céos,
Aonde Beatriz o espera ao pé de Deus...
Milton vae a chorar a perda do Paraizo...
E Shakspeare, entre uma lagrima e um sorriso,
Vascilla, n'um ataque aureoral de loucura!
Julieta é luar, Hamlet é noite escura...
Vejo Byron tambem. Eis a Aventura e o Amor.
Soturno temporal a despertar em flor!
E dão-lhe um ar ignoto, infindo e inatingivel
O phantasma da vida, a sombra do Invisivel,
A distancia que afasta as estrellas divinas
E a tristeza que envolve as classicas ruinas...

E atraz d'elles caminha imensa multidão...
Turba-multa sem fim que faz tremer o chão!
Anonymos heroes, martyres ignorados,
Os vencidos, os nus e os tristes desherdados...
Todos levam, na mão, um grande facho a arder,
Que lembra um grandioso e santo alvorecer!
Todos levam, na frente, um astro annunciador,
Todos vertem, sorrindo, o sangue redemptor!

Todos levam ao hombro o machado fatal
Que vae deitar por terra a floresta do Mal...
Todos levam tambem a alavanca sagrada
Que vae erguer da terra essa Babel sonhada
Por onde o mundo bruto ha de subir ao céo...

E a grande multidão, além, desapareceu.

ANTEMANHÃ

No silencio sem fim das cousas, quando mal
Se distingue o clarão da aurora ainda distante,
E o poeta ainda véla, um canto aureoral
D'ave vibra na luz difusa e ainda hesitante...
E na penumbra ideal, que á alma nos revela
O Genesis estranho e mystico d'um dia,
Vê-se o desabrochar de mysteriosa estrella,
Crepusculo d'um som, alvor d'uma harmonia...
E têm um ar d'assombro as paizagens noturnas.
Todas as cousas véla uma mudez sagrada...

E n'um recanto escuro, uma arvore soturna
Ergue os olhos, ouvindo a voz da madrugada...
Percebe-se que vae, em breve, acontecer
O quer que é d'extraordinario e nunca visto.
Tudo sonha e medita... A luz do alvorecer,
Para uma pedra ou flor, é um verdadeiro Christo!
O dia já vem perto. E doces sensações
Agitam suavemente os ramos do arvoredos.
Vê-se no olhar d'um rio a bruma das visões.
E o Riso transfigura a face d'um rochedo...
Que branda comoção as cousas enternece...
A terra, ao ver o sol, traduz se n'uma flor,
Tal como um poeta, ao ver o sonho que alvorece,
Se converte no fluido ethereo d'um amor...
N'um ether mysterioso, imenso, indefinido
Que, vibrando, produz o dia da Verdade
Que para um fim divino, apenas presentido,
Vae guiando, atravez da morte, a Humanidade...

O BEM E O MAL

Quantas vezes, Senhor, este mundo parece
Um absurdo tremendo, aonde transparece
Um livido clarão de tragica loucura...
O riso de Satan derrama a noite escura.
Sobre a algidez da terra amortecida e calma,
Paira, como uma nevoa, um crepusculo d'alma...
Convulsões d'agonia abrem valles profundos...
E o nosso mundo chora a grande dor dos mundos!
Vê se, por toda a parte, um morticinio horrivel
D'almas que soffrem no Silencio e no Invisivel!...

Catastrophes sem fim, horrores, crueldades...
O ar que nós da vida é o pae das tempestades!
A agua que mata a sêde aos ermos viandantes,
Sepulta, no seu seio, as ilhas verdejantes
E os navios que vão, sobre as ondas, ao vento...
O fogo que prepara a hostia do alimento,
O sacro fogo a arder sobre um bemdito lar,
E' o fogo que queimou teu corpo, Joanna d'Arc!...
E o ferro que percorre, oh dor, as nossas veias
E' o ferro que segura as portas das cadeias
E o que prende, ainda hoje, o grande Prometheu
A um monte, sob o riso ironico do céu!...
O mundo, ao mesmo tempo, a ser o bem e o mal!
A Natureza louca e Deus irracional!
O mal e o bem estão n'uma continua guerra.
Como a atmosphaera, a dor envolve toda a terra!...
Os féros animaes devoram cordeirinhos...
O vento, a gargalhar, destroe milhar's de ninhos!
Um diluvio de fogo arrasa uma cidade
E uma vil ambição provoca a mortandade!
O luto veste a terra e a luz do sol exangue
Tem, de beijar o mundo, os labios com sangue...
Qual é o teu destino, oh erma Natureza?
Riso louco a doirar o rosto da tristeza...
Qual o teu fim e o teu principio, oh Creação!

E' o soffrimento, a dor, a morte e a escuridão?
É, por acaso, o Mal a essencia do Universo?
Satan, em cada ser, existirá, disperso?...
Mas como é que se explica a vida de Jesus,
E este vôo imortal das almas para a Luz?
Socrates porque viu na morte uma outra vida?
Quem lhe fallou do Alem? Que voz desconhecida?...
Porque é que o grande Boudha um throno abandonou
E um sceptro d'oiro, com desprezo, arremessou
Para longe, partindo humilde, pobre e triste
A pregar a Verdade a tudo quanto existe?...
Inconscientes serão ou loucos desvairados
Os grandes Christos, a sonhar, crucificados?...
Maria, a tua dor é filha d'um delirio?
D'onde vem o prazer amargo do martyrio?...
D'onde nasce esta força occulta, mysteriosa,
Esta crença, esta fé profunda e religiosa
Que nos leva p'rá morte a sorrir e a cantar?...
D'onde dimana a Graça, assim como o luar
Que dá um aspecto d'alma ás formas materiaes
E uma expressão de genio aos brutos animaes?...
Justiça, és illusão? Amor, és falsidade?
Jesus, és a mentira? Oh Nero, és a verdade?...
Representaes acaso o mesmo sentimento
Perante o azul e o mar, as estrellas e o vento?

A vida universal não vos distinguirá?
Na mesma indiferença, a terra guardará
As vossas cinzas? E as famelicadas raizes,
N'um frouxo de luxuria, esplendidas, felizes,
Esses dois corpos definhados devoraram
E entre elles nem sequer, um momento, hesitaram?
Oh tragico mysterio! Oh grande noite escura!
D'uma voz que blasfema e d'uma voz que é pura,
Do sermão da montanha e das canções de Nero,
Das palavras d'amor, d'um ai de desespero,
Do soluço de dôr que soffucou Maria,
D'um brilhante sorriso egoista de alegria,
De tenebrosa voz que esmaga e que condemna,
D'essa voz de perdão que aureo!ou Magdalena,
Do murmurio do mundo, imenso e assustador
Chegará simplesmente um pallido clamor,
Uma mesma harmonia indistincta e apagada
A' alma da Creação, remota e illimitada,
Formando assim, ao longe, um murmurio igual
A prece da Piedade e a blasfemia do Mal?...

Talvez para a harmonia ignota d'este mundo
Concorram igualmente a noite e a luz do dia...
A fome e o desespero, o Bem e o vicio immundo,
A mentira e a verdade, a tristeza e a alegria!...

Lgrimas de prazer e lagrimas de dôr,
Por ventura, sereis a mesma nevoa densa,
Sob os raios do mesmo ardente e eterno amor
Que entre ellas não encontra a menor differença?...
Será a parte imperfeita e o todo é a Perfeição?
O Universo é um composto extranho de escarceus,
De trevas infernaes que, combinadas, dão
O fulgor do infinito e o resplendor de Deus?...

Ou é este Universo uma noite d'horror
Que já segura ao collo a aurora d'um amor?
E' um inverno que vae mudar-se em primavera?
Ha de ser realidade o que hoje é uma chimera?
O sonho, a aspiração e as lucidas visões
Que deslumbram olhar vago das multidões,
Sempre que ouvem pregar, n'um gesto extraordinario,
Os que vão pela estrada amarga do Calvario,
Serão o alvorecer da nova Humanidade,
A aurora excepcional do dia da Verdade?
E a blasfemia do mal contra o amor e a vida,
E' qual grito da noite, ao ver-se surprehendida
Pela eterna manhã anunciadora e estranha,
Que, subito, apparece além d'uma montanha?...

Estrellas, revelae-me o fim da Creação...
Que a vossa luz separe o real da illusão.
Entre as tristes canções de treva e de mentira,
Mostrae-me o canto ideal da verdadeira Lyra!
Que a sempiterna luz se faça dentro em mim.
Que eu viva no Absoluto e no que não tem fim!
Que o phantasma d'amor, que anda sempre ao meu lado,
Se transforme n'um ser perfeito e imaculado.
Que deixe de ser sombra e se converta em luz...
Que seja arvore em flôr e não sombria cruz!...
Que o nevoeiro espesso e triste do mysterio,
Se dissipe e nos deixe ver o sol ethereo
Da Verdade e do Amôr raiar por sobre o mundo,
Doirando tudo, desde o sapo mais immundo
Á alma mais perfeita e ao mais duro rochedo,
De maneira que o pó, o lôdo, o arvoredó,
A creatura humana e as féras mais selvagens,
O vasto mar antigo e as sensiveis paizagens,
Estremeçam d'amor e vibrem de alegria
E sejam a suprema e eterna melodia!...

VISÃO

I

Como cinza meuda, a treva cáe
No coração humano.
E um vento norte, frio e triste como um ai,
Em nossas almas põe sobresaltos de oceano!
E grandes convulsões
A Humanidade agitam...
E o desespero insano, a colera e as paixões,
Como incendios, crepitam!
Ha vendavaes de dôr, ciclones de tormento,
E maldições estranhas...

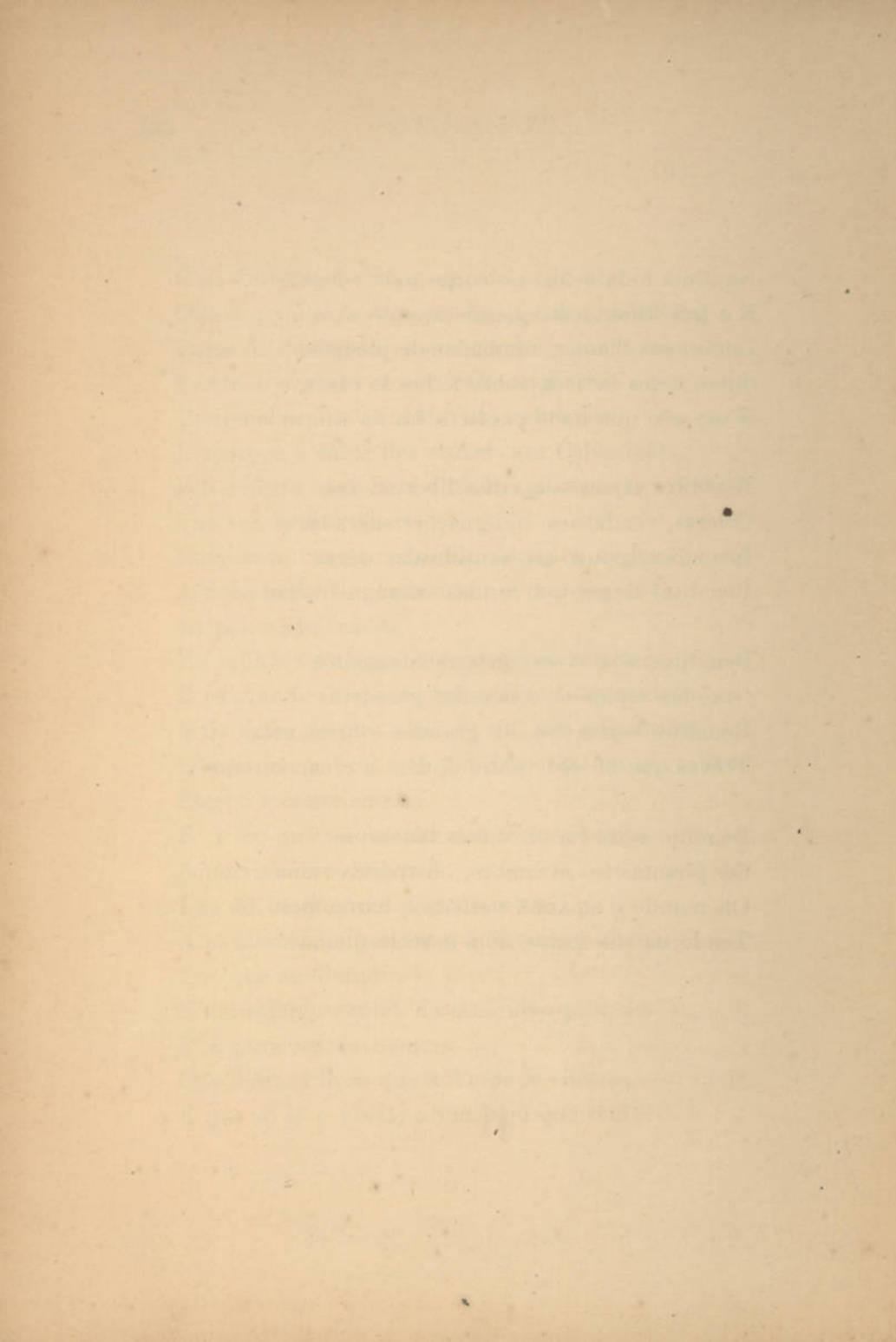
E as florestas desvaira um furioso vento
Que dos valles levanta as ondas das montanhas!...
Raios de desespero as nuvens ensangüentam,
Férem o azul do céu gritos incendiarios.
Terríveis explosões, de subito, rebentam
E sente-se o cahir das cruces, nos Calvarios!...
E o carcere onde vive a Natureza escrava,
Vae ser, emfim, aberto;
Emquanto um mar sagrado e tragico de lava
A floresta do Mal transforma n'um deserto!...
Os peitos suffocados,
Ha milhões d'annos, já conseguem respirar.
E os grandes corações que soffrem algemados,
Mais livres do que a luz do sol, vão palpitar!...
D'entre escombros sem fim desponta um novo dia
Eterno e consciente...
E' a luz que no interior das cousas existia
Somnambula e latente.
Luz do Ideal que o poeta revelou
A si mesmo; e, portanto, á Natureza inteira.
Luz que se libertou,
N'um esforço genial, da escuridão primeira!
E' a pura luz do Bem
Que doira o livro que a Verdade encerra,
E que só lê o poeta, o theologo que tem

Na alma toda a luz, no corpo toda a terra!...
E a grã Libertação estende as suas azas,
Luminosas d'amor, nimbadas de piedade,
Sobre todos os soes, sobre todas as casas,
N'um vôo que hade passar além da Eternidade!...

Bemditos sejaes vós, odios libertadores,
Côleras, vendavaes, indignações sagradas!
Incendios, gritos, ais, santificadas dôres,
Bemditas sejaes vós, feridas ensanguentadas!

Bemditos sejaes vós, oh arrebatamentos,
Grandes explosões d'estrellas guiadoras!
Bemditos sejaes vós, oh grandes soffrimentos,
Trevas que no seu ventre andam a crear auroras!...

Bemdito seas tu, oh Cahos tenebroso,
Oh phantastico escombros, oh tragica ruina!
Oh mundo d'amanhã perfeito e harmonioso,
Tendo na sua frente uma aureola divina!...



II

Sinto em mim o ruir dos desmoronamentos.
Sou um cahos, aonde os varios elementos
Se chocam com fragor, em grande confusão,
Como na antemanhã o sol e a escuridão!
Metade do meu sêr é noite; outra metade
E' energico fulgor, vibrante claridade!
Sou um triste castello ao pé d'um mar brumoso...
Como uma onda, o velho tempo proceloso,
Meus alicerces mina, e, pedra a pedra, eu caio,
Á luz esverdeada e tragica do raio!

Nas minhas ruínas chora um vento destruidor...
Mas sinto germinar entre ellas uma flor.
Sou a guerra tremenda a desejar a paz.
Sou a lucta entre Deus e o velho Satanaz!
Venho da treva inerte e o meu destino é a Luz.
Eu sou o mau ladrão a voar para Jesus...
O madeiro da morte horrendo e solitario,
A cair, desfeito em pó, nas urzes do Calvario,
Para resuscitar n'uma arvore florida
De piedade, d'amor e de justiça e vida!...

NOVA LUZ

Emana um fumo d'alma o crepitar do lume...
O incendio d'uma flôr dá a cinza do perfume.
E o corpo d'uma onda é um mystico brazeiro
Que exhala, n'uma ancia, o branco nevoeiro...
E' o incendio supremo e santo da Materia,
D'onde sae uma luz animica e siderea...
Tudo o que é material, como a rocha erma e calma,
Querendo e desejando, é luz, é sonho, é alma!
A alma é o exterior, o corpo o interior.
Onde termina um coração, começa o amor...

Por isso, cada corpo inanime e pesado,
D'uma aureola d'infinda luz está banhado.
E assim, uma anciedade ignota, uma chimera,
Poz em volta da terra a lucida atmosphera!...
A luz envolve a chama e a chama envolve a lenha...
Sensível musgo cobre uma insensível penha,
E sobre o musgo paira o aroma espiritual...
Misterio... n'um aroma a pedra é imaterial!
E todavia são a mesma vida pura
O claro aroma, o verde musgo, a penha dura!...
A terra é a mãe da Alma, a terra deu á luz
O perfume da flor e a alma de Jesus!...
O lôdo é a Piedade, é o Amor infinito.
E' apenas comoção a rocha de granito...
No Poeta comovido ha a loucura do vento;
A nuvem é um delirio, a agua um sentimento...
A fonte que atravez d'um areal se perde,
As suas margens vae vestindo de côr verde,
Lançando n'essa terra esteril, resequida,
N'um beijo sempiterno, a semente da Vida.
Uma gotta d'orvalho é sonho, é anciedade,
Quer desça sobre o pó, quer suba á claridade...
Qualquer terra que a toque, acorda deslumbrada,
E é uma erva, um perfume, uma alma enamorada!
E é gotta d'agua, oh astro espiritual, bemdito,

Ampliada pela luz, abranges o infinito...
És o ether transcendente, o grande transmissor
Da voz dos mundos e do seu estranho amor!...

Todos os robles dão, ardendo, a mesma luz...
Um tronco sobre um lar é um Christo n'uma cruz!
E é calor que agasalha e facho que allumia
O que é em Christo amor, piedade, harmonia...
E tudo o que é no poeta emoção e delirio,
É luz no sol, canto nas aves, côr no lyrio!...
E tudo o que é em nós Bondade, é num rochedo
Viçoso musgo e santa sombra no arvoredado!...
E enquanto dou a um pobre um bocado de pão,
O sol enche de luz o sacco da amplidão!
E qual Samaritana, a nuvem religiosa,
Dá de beber a toda a terra sequiosa...
Um murmurio de fonte é um Sermão da Montanha
E a neblina da tarde uma ascenção estranha!...
E enquanto eu sou a morte, oh velho e frio inverno,
Perante o sol—Jesus, és um Lazaro eterno.
Um promontorio é um Christo altivo, triste e só,
E o mar divino um poço imenso de Jacob!...
E as verdes ervas são versiculos sagrados
Que os ribeiros e o sol escrevem sobre os prados...
E uma pedra contem a historia verdadeira

Do Genesis, da Luz e da Mulher primeira!...
Ainda hoje, o Diluvio, o velho avô das fontes,
Anda na bocca das florestas e dos montes!...
E a mais esteril terra ainda recorda e chora
O tempo em que beijou teus labios d'oiro, aurora,
Pela primeira vez, ardente de paixão!
Ainda hoje impressiona a terra a sensação
Que seu corpo diluiu em mystica ternura,
Ao conceber a primitiva creatura!
E nos olhos da terra ainda fulgura a imagem
De tudo o que ella viu, n'essa grande viagem
Atravez da penumbra infinda do Mystério,
Até desabrochar n'um coração ethereo!
Ha nos olhos da terra a imagem d'esse olhar
Que a saudade transforma, ás vezes, em luar...

Deus disse á luz do sol o segredo da Vida.
Desvendemos a Luz amada e preferida!...
Vejamos a razão suprema da existencia
E o que ella tem d'amor, de espirito e de essencia,
O que n'ella é real, eterno e inconfundivel...
Que o nosso olhar penetre o mundo do invisivel,
Os paramos do Sonho, a amplidão da Chimera,
Onde já se descobre etherea Primavera,
Nebulosa subtil composta d'um perfume,

D'um ether, d'um amor, d'uma luz que resume
A nova Creação que está para surgir
Do cahos de Amanhã, do beijo do Porvir!...

O pó que a gente vê sobre os campos, disperso,
E' um cahos; n'elle sonha um mystico Universo!
Apaga-se uma estrella e n'ella resuscita
A sua fragil luz, n'uma luz infinita...
Se um homem fecha os roxos olhos, congelado,
D'olhos eternos elle fica constellado!
E d'uns ouvidos transformados em poeira,
Brotta a audição completa, imensa e verdadeira...
E tudo o que termina e a cinza se reduz,
Vae acordar em alma e despertar em luz!
Um mundo aureoral, chimerico germina
Em cada areia, em cada gotta crystalina...
E a nova Vida, n'uma onda a resplender,
Aflora á superficie ideal do novo ser.
Um novo Apollo vae tocar a nova Lyra...
E na agua que se bebe e no ar que se respira,
Nas nuvens onde dorme a clara luz dos céos,
Palpita um novo amor, murmura um novo Deus...

O HOMEM

I

O homem é o Universo consciente.
Pelos seus lábios falla a pedra, o nevoeiro...
Por isso o que elle mais occultamente sente,
O que n'elle é mais vago, é o que é mais verdadeiro...
O sér humano, como tudo, principia
Em noturna materia que termina
N'um ether, n'uma luz, n'uma harmonia,
N'uma nuvem astral, n'uma emoção divina...
N'um sentimento infindo e mysterioso,
N'um sensível clarão,

N'um fluido transcendente ethereo e luminoso,
Como a materia ideal que forma uma visão.
Sua carne termina em alma; e o seu olhar
Em luz d'esperança e dor,
Como em nuvem, o mar
E uma semente, em flor...
Sou a visão, o sonho, o inatingivel...
E o mundo d'amanhã, não revelado ainda,
E' o mundo do Invisivel,
Impalpavel Creação, escura luz infinda!
As formas não são mais que sombras projectadas
Sobre os nossos sentidos...
São fragmentos de sol e restos d'alvoradas
Em florestas, em agua e pedras convertidos.
A forma é a apparencia...
Transitorio clarão que ilude olhos banaes
Que não conseguem ver a sempiterna essencia,
O espirito que anima os astros imortaes!
Somente a alma existe.
E sonha a mesma alma em cada creatura...
Olhae como tão bem se casa o luar triste
Com a noite emotiva e cheia de ternura!...
No fundo do meu sêr, no meu distanciamento,
Vagueiam, a sonhar, almas desconhecidas...
Vozes confusas como a voz do vento...

Sinto na minha vida varias vidas!
Sinto bem minha alma dividir-se
Em muitas almas intimas, secretas,
Como quem vê, no espaço, repartir-se
Uma nevoa em milhões d'estrellas e planetas!...
Oh aïmas que formaes uma alma só,
Se vos desagregardes, de repente,
Deixaes cair um corpo em frio pó,
Mas vós continuaes sonhando eternamente!
Existe para vós a Eternidade,
Embora seja eu
A vã fragilidade...
Se uma estrella é imortal, é transitorio o céu!...
Voltaes a reunir-vos com amor,
E outra alma mais perfeita ides formar...
E assim de morte em morte e assim de dor em dor,
A perfeição suprema a Vida ha de alcançar!...

No meu peito que um santo amor deslumbra,
Descubro um mundo cheio de segredos!
Vejo atravez de minha carne — essa penumbra,
Palpitações de luz e sombras d'arvoredos!...
Da noite primitiva
E' feita a sombra que nas cousas, eu projecto...
Sinto que veste minha carne viva

Da velha Humanidade o tragico esqueleto!...
Impressiona, ás vezes, meus ouvidos
Confusa voz remota
Que atravessa, vibrando, os seculos perdidos
Dentro em mim acendendo uma impressão ignota!...
E atravez de minh'alma, onde latejam
Originarias almas percursoras,
Claridades d'espíritos alvejam,
Novas almas acordam, como auroras!...
Sei que todo o meu sêr secretamente,
Comunica com mundos radiosos;
E que todo elle vibra e canta heroicamente,
Sob influencias astraes e beijos mysteriosos!...
Cada sêr, cada cousa é uma Lyra bemdita.
Suas cordas faz vibrar o vento do Mystério...
A vida é uma harmonia, absoluta, infinita,
São o homem e a pedra o mesmo canto ethereo!
Homem, ouve esse canto...
Ouve tua propria voz e a do Universo inteiro...
E apprenderás então a ser piedoso e santo
E justo e verdadeiro!...

Pelos meus olhos uma estrella consciente,
Vê seu proprio fulgor...
E no meu coração a Essencia transcendente

Viu que era a luz do Amor!...
Nos meus claros ouvidos,
A si mesma se ouviu a voz universal...
E atravez do clarão sem fim dos meus sentidos,
Contemplou-se a si proprio o mundo material.
Do Universo sem fim que á Perfeição aspira,
Eu sou a negra cruz...
Oh Sirius, Orion, Venus, Trapezio e Lyra,
Eu sou a vossa luz!...
Sou tua miseria, Deus.
Sou o que ha d'anjo em vós, oh tigres e leões!
E é um resumo dos céos
Minha pupilla a arder no incendio das visões!...
Oh ferro em braza, sob os golpes do martello,
Eu sou o teu martyrio!
Sou a vossa dureza, oh pedras d'um castello,
E o teu perfume, oh lyrio!...

II

Homem, tu és a luz da Esperança e da Dor...
E's a lyra de Deus que o sonho faz vibrar!
Os teus olhos trespassa um clarão interior
Que dimana d'um foco imenso de luar!

Vê-se atravez da carne o espirito imortal.
Um fulgor d'alma sáe dos rochedos obscuros...
N'uma nuvem germina a seara do Ideal,
Bate as azas para Deus o lôdo dos monturos!...

Homem, tu és o sonho enorme da Materia,
A fallar pela bocca Augusta de Jesus!
E's estatua de pó onde una luz etherea
Se transformou, morrendo, em sempiterna luz...

A materia que forma o teu corpo grosseiro,
Jé foi encandescente; o espaço illuminou.
N'outros mundos floriu talvez um ermo outeiro...
Quantas lagrimas já tua carne evaporou!...

Fôste dôce luar boiando sobre um lago...
Os valles sem ninguem cobriste de saudade,
E entrando pelo o olhar d'um sêr confuso e vago,
N'uma alma acendeste o luar da Piedade!...

Já foste uma fogueira, a errar, no Firmamento.
Teu calor aquecia os nus e os pobresinhos...
E o que hoje em ti é alma, amor e pensamento,
Já compoz para um bosque a musica dos ninhos...

Tu que já foste bom, quando tua bôa alma
Era uma parte ideal do Espirito infinito,
No tempo em que viveste a vida etherea e calma
Do luar que enternece as rochas de granito,

Agora debes ser a Bondade consciente,
A Justiça e o Amor, com olhos e razão,
Para que o mundo alcance a Paz eternamente
E seja um Paraizo eterno a Creação!...

MULHER

I

Mulher, corpo da Luz,
Mãe alegre de Pan, triste mãe de Jesus!
Mulher, divina encarnação do Amor...
Oh consciencia de tudo o que é perfume ou flor!
A tristeza da lua ensombra teu perfil,
E nos teus labios ri o claro mez d'abril!
A harmonia da Côr teu bello rosto exhala.
Pelos teus labios a cor verde falla,
Disfarçada em esperança, em alegria...
Nos teus olhos azues, Virgem Maria,

Que voz de piedade é a côr azul do céu!
Da côr roxa d'um lyrio que soffreu,
Brotam palavras tristes, doloridas,
Como as dos roxos labios das feridas
Do corpo de Jesus que a Noite apunhalou!
Foi essa voz que os montes abalou,
Que os sepulcros abriu, que fez fugir o sol!...
Ouvindo-a, sobre a cruz, cantou um rouxinol...
Rouxinol da Paixão e do Martyrio
Que julgava, cantando, adormecer um lyrio
E que ao pousar na cruz, todo carinho,
Procurava um logar para fazer o ninho!...
Pan disfarçado em ave, a converter
No verbo amar o verbo padecer!...
Raio de sol bebendo o sangue da Paixão
Para o infiltrar na tua carne, oh Creação,
A insufflar-te vigor!
Nos seus braços assim sustenta a Dor o Amor!...

Mulher divina, corpo lyrial!
Unico lyrio d'este triste valle
De lagrimas que a luz absorve, a rir,
Por ver tudo florir!...
Teu cabello crepita em chamas mysteriosas;
Ha no teu sangue a seiva que alimenta as rosas!

Tua carne ainda se lembra, ás vezes, vagamente
Do tempo em que foi lyrio e nevoa e luar dormente...
Recorda-se ainda bem teu verde negro olhar
Do tempo em que foi mar...
Por isso, quando evoca, ás tardes, o Passado,
Subito, fica em onda ou lagrima mudado!
Verde olhar de mulher que eleterisa
Os corpos brutos e que as rochas suavisa...
Vaga saudade a condensar-se em gotta d'agua,
Indefinida magoa
A traduzir-sem em mar...
Oh genesica luz no cahós d'um olhar!
Verde olhar de donzella,
Sol amoroso, comovida estrella
A fecundar ethereos mundos virginaes...
Chuva d'amor caindo em raios matinaes!...
Penumbra do Increado onde sonha e medita
A vida transcendente, a existencia infinita!

Teu leite é ainda em nebulosa, um coração.
No teu ventre murmura a grande Creação!
Oh ventre que o Espirito tocou,
Que o sol dos soes, que Mahadeva, penetrou!
Ventre que lembra um vasto campo arado,
Onde se vê cair do sol apaixonado,

Essa seiva ideal que se traduz em arvore,
Como um ether subtil crystalizando em marmore...
Que tu vás fecundar o sêr perfeito!
Que cada esposa traga um santo ao peito!
Que o leite da Mulher seja bemdito e puro...
Oh Mães, amamentae os Christos do Futuro!...

O Ideal que faz florir os braços d'uma cruz,
Que dá azas á pedra, amor ao lôdo impuro,
Que volve em linha recta e firme para a luz
O arbusto que nasceu n'algum recanto escuro!...
O sol do novo Ideal que d'antes existia,
Concentrado na terra e na agua adormecido,
Vae projectar no mundo a luz do novo Dia,
Feita da dor sem fim de tudo o que ha vivido!...

ULTIMO CANTO

A meus queridos Paes.

Uma nova esperança as cousas allumia...
O mundo inteiro exhala uma nova harmonia
Que infunde a mansidão aos animaes selvagens,
Que faz enternecer as rusticas paizagens...
Sae dos labios d'um rio o canto das neblinas,
Nos olhos d'uma pedra ha lagrimas divinas...
E como bons irmãos, vejo o lobo e o cordeiro;
Vem lamber minhas mãos o tigre carnicheiro,
E nos seus olhos fulge o luar da piedade...
O zephiro esqueceu a antiga tempestade;

E o orvalho que sorri, sob os beijos da aurora,
Nem se recorda já que foi diluvio outr'ora!
O precipício ri; o oceano canta e reza...
O azul, olhar d'amor, afaga a Natureza...
Intima comoção as ondas entenece;
De tão impressionada, a noite resplandece!
E d'almas se povôa a triste solidão
E o sol cae sobre o mundo, assim como um perdão...
E o homem sonha, livre e bom, sem um martyrio,
Sob o azul que projecta uma sombra de lyrio...



INDICE

| | Pag. |
|-------------------------------------|------|
| A MINHA MUSA | 9 |
| Á VENTURA | 13 |
| INVERNO | 15 |
| NA RUA | 19 |
| N'UMA VIELLA | 25 |
| UMA TRAGEDIA | 27 |
| * * * | 31 |
| TEMPESTADE | 33 |
| * * * | 37 |
| MENDIGA | 39 |
| A FABRICA | 45 |
| UMA SOMBRA | 49 |
| TODOS OS DIAS | 53 |
| VIDA DO CAMPO | 57 |
| O HOMEM E OS OUTROS SERES | 69 |
| UM BURRO | 73 |
| VIDA DO MAR | 75 |

| | Pag. |
|--------------------------------|------|
| TREVAS. | 85 |
| " " | 91 |
| DOR. | 93 |
| " * | 97 |
| " * | 99 |
| " * | 101 |
| O HOMEM E O UNIVERSO | 103 |
| A VOZ DAS COUSAS | 111 |
| ASCENÇÃO. | 119 |
| OS CONDEMNADOS. | 125 |
| ANTEMANHÃ. | 129 |
| O BEM E O MAL | 131 |
| VISÃO | 137 |
| NOVA LUZ. | 143 |
| O HOMEM | 149 |
| MULHER | 159 |
| ULTIMO CANTO | 165 |



Do mesmo auctor:

TERRA PROIBIDA

Versos, 1 vol. 500 rs.

SEMPRE

(2.^a edição correcta e augmentada com
sessenta poesias ineditas). 1 vol. 600 reis.

JESUS E PAN

1 vol. 400 rs.

